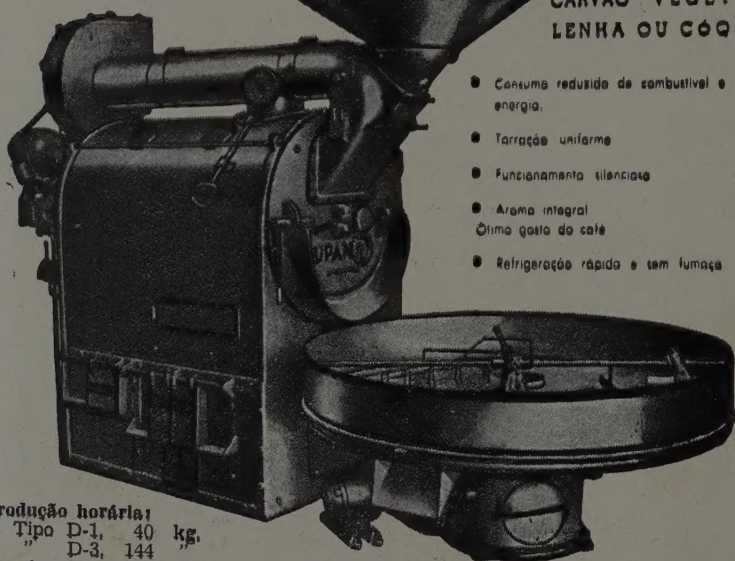
BOLETIM DA SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFE'

SECRETARIA DA FAZENDA
SÃO PAULO BRASIL

ANO XXVI • MAIO DE 1951 • N.º 291

MENOR CUSTO
MAIS RENDIMENTO
TORRADOR A AR QUENTE
(Torração rapida e uniforme)
TUPAN
a
ÓLEO
CARVAO VEGETAL
LENHA OU CÓQUE
•TIPO•D•
Consumo reduzido de combustivel e energia.
Torração uniforme
Funcionamento silencioso
Aroma integral
Ótimo gosto do café
Refrigeração rápida e sem fumaça
Produção horária:
Tipo D-1, 40 kg.
" D-3, 144 "
" D-4, 288 "
" D-5, 540 "
ESTABELECIMENTO MECANICO
S. PAULO
TUPAN
BRASIL

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto do Café")

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA
Sede: Largo da Misericórdia, 24

Ano XXVI	MAIO DE 1951	Número 291

Sumário

Colaboração

A FUSÃO DAS SOCIEDADES RURAIS DE SÃO PAULO

J. TESTA
Chefe da Estatística e Publicidade da Superintendência do Café

Discute-se, atualmente, em S. Paulo, a fusão das duas grandes sociedades rurais paulistas, que congregam a quase totalidade dos lavradores filiados a associações de classe: a **Sociedade Rural Brasileira** e a **Faresp** (Federação das Associações Rurais do Estado de S. Paulo).

Não pretendemos entrar no mérito das discussões que se vêm fazendo sôbre o assunto, relativamente a aspectos da fusão preconizada. Nem mesmo nos move o intuito de preconizar tal união, cuja conveniência, em última análise, só póde ser julgada pelos sócios das mencionadas entidades. Os detalhes, igualmente, bem como o nome que possa ter a nova agremiação, o local onde funcionará, os estatutos que a regerão, são todos aspectos de um problema interno, da alçada dos diretores e associados da FARESP e da SOCIEDADE RURAL BRASILEIRA, esta representando, no momento, a associação dos Lavradores de Café, que se lhe filiou.

Nada nos impede, todavia, na qualidade de comentadores de fatos e aspectos da nossa vida econômica, de dizer que tal fusão, se efetuada, seria muito interessante para a vida das classes agrárias do Estado, com repercussões, muito amplas sôbre tôdo o país.

E isto o dizemos baseados no fato de que a Agricultura e a Pecuária continuam sendo, com grande diferença, as nossas mais importantes atividades econômicas. Não obstante o grande desenvolvimento da indústria, nos últimos tempos, principalmente nos Estados meridionais e mui especialmente em S. Paulo, desenvolvimento êsse que todos desejamos continue a acentuar-se, os labores agrícolas constituem ainda a base de nossa força. E, como expoentes dêsse trabalho, como aglutinadoras dêsses milhões de operários, técnicos, proprietários agrícolas, como representantes dos interêsses e das aspirações das classes rurais, seria do mais alto interêse que as associações de lavradores apresentassem sempre uma frente única, que lhes conferiria muito maior fôrça junto aos poderes públicos, ou perante quaisquer entidades, bem como lhes facultaria muito melhor e mais orgânica defesa em face de campanhas hostis, ou de justas aspirações a defender.

Sabido é o fato de que, no passado, ocasiões houve em que as nossas entidades agrícolas, convencidas, cada qual, da justiça de uma causa, se colocaram em campos opostos, junto ao govêrno central, assim criando,

a êste e a elas próprias, as maiores dificuldades no sentido de se chegar a um perfeito entendimento. Com a fusão ora preconizada, fatos como êsse não mais teriam lugar. Um ponto de vista conjunto possuiriam as nossas classes rurais. E não é preciso insistir sôbre a importância dêsse acontecimento.

* * *

Examinemos o assunto, por exemplo, no setor do café. É bastante conhecida em todos os nossos meios, principalmente nos rurais, a poderosa atuação econômica, e até política e social, que tem em seu país a Federación Nacional de Cafeteros, de Colômbia. Essa entidade, que possue serviços de financiamento e de armazenamento organizados em todo o país, orienta a formação de cafèzais e o preparo do produto, defende seus preços, e, ùltimamente, organizou até uma frota de navios para o transporte direto do café aos mercados externos.

Por muitas vezes tem sido sugerida, entre nós, uma organização de tal magnitude, mas um dos principais óbices encontrados vem sendo a desunião dos lavradores, filiados a entidades as mais diversas, e às vezes até colidentes, em certos pontos de vista. Muito embora os próprios lavradores tenham reconhecido a necessidade da manutenção de uma supervisão oficial, sob a forma de uma centralização nacional dos assuntos cafeeiros, isso não impediria a fusão das entidades rurais. Pelo contrário: unidos, os lavradores poderiam com maior autoridade cooperar com o govêrno, sugerindo-lhe o que julgassem necessário e, mesmo, fazendo valer os seus pontos de vista, quando justos e dignos de consideração.

O último govêrno chegou a iniciar, por intermédio do Ministério da Agricultura, a organização semi-oficial de uma vasta rêde de cooperativas de associações rurais, que centralizariam todas as atividades agro-pecuárias no país. Das classes agrícolas partiram muitas objeções a essa fórmula, principalmente a de que o assunto deveria ser estudado e resolvido expontâneamente pelos lavradores, sem a tutela ou a ingerência oficial. Como resolvê-lo, entretanto, se as entidades rurais têm, a respeito, tantas idéias quantas as respectivas associações?

* * *

Ainda agora, mais do que nunca, surge a necessidade de falarem os homens do campo uma vóz única, um esperanto inteligível por todos, e não uma babélica algarávia formada de todas as línguas. É que novas e importantes questões aparecem no cenário nacional, para serem resolvidas, e que não devem nem podem ser deliberadas apenas pelo executivo, e o legislativo sem o parecer das classes rurais, pois a elas dizem respeito especial e precipuamente. De fato, além do Código e da Legislação Rural, em que está o govêrno empenhado, assuntos êsses que não podem ser discutidos sem a imprescindível colaboração dos elementos rurais, conforme temos acentuado, surge agora a notícia de que o Ministério da Agricultura proporá a creação da Fundação Rural Brasileira, de mol-

des análogos aos do SESI e do SESC, com objetivos assistenciais e educacionais.

Todos conhecemos e aplaudimos êsses orgãos do comércio e da indústria, cujos trabalhos já desenvolvidos no país muito os recomendam, principalmente como valiosa contribuição a que se forme no país uma mentalidade sadia, de compreensão entre os empregados e empregadores, especialização técnica, cultura geral, educação, facilidades de vida, tudo dentro de um espírito de fraternidade e não à sombra dos postulados da luta de classes. A introdução dêsses princípios na agricultura e na pecuária seria altamente recomendável. Todavia, as condições alí são muito diferentes, a tal ponto que em muitos casos tornar-se-ia imprescindível um trabalho preparatório, com o que se evitaria a nulidade de resultados, ou mesmo objetivos contraproducentes.

Para orientar tudo isso, para ter voz ativa em todos êsses debates, os homens do campo precisam falar uma voz única. Devidamente arregimentados, esclarecidos, pugnando com segurança pelos seus direitos, os nossos lavradores, não apenas os de S. Paulo, mas, posteriormente os de tôdo o país, serão uma fôrça decisiva nos destinos da nacionalidade. Devem êles lembrar-se de que as populações rurais são cêrca de dois terços do nosso coeficiente demográfico. E de que produzem e exportam mais de três quartas partes do total que o Brasil envia aos mercados do exterior. São, pois, uma fôrça imensa, que deve ser ouvida e acatada. Mas, necessário é que os poderes públicos, na hora de buscar-lhes a opinião, não encontrem um côro de vozes desafinadas, e sim a voz potente e unísona que vem do próprio seio da terra áspera e fecunda.

Replantas em nossos cafézais

HÉLIO DE MORAES
Engenheiro agrônomo. Secção de Café.
Instituto Agronômico.

(Conclusão)

Fotografias V e VI — As mudas foram plantadas mais distanciadas (15 a 20 cm mais ou menos) usando-se uma única muda por vasilhame.

Observamos inicialmente alguns bons resultados, como sejam, um desenvolvimento maior das plantas, crescimento mais uniforme em grossura do caule, e uma melhor conformação das plantas.

É interessante lembrar que os cafeeiros das fotografias em aprêço, têm exatamente a mesma idade que os das fotografias II, III e IV. Continuamos entretanto, a observar ainda um crescimento em altura desigual, com a tendência de dominância de uma das plantas.

Dado os bons resultados iniciais obtidos, procuramos então a partir daí, melhorar o sistema de plantio de nossos cafeeiros na Estação Experimental de Jaú.

As observações que apresentamos, foram levadas a efeito, passando-se a extremos, sem as minúcias próprias de uma experiência tècnicamente elaborada, mas que nos apresentaram bons resultados que pode-se afirmar quase que categòricamente, termos chegado a conclusões decisivas sôbre o assunto.

Pelas fotografias sequentes, veremos então as normas que adotamos e que tão bons resultados deram, e que hoje, já centenas de lavradores estão pondo em prática com excepcional resultado.

Fotografia VII — É de uma viveiro rústico da Estação Experimental de Jaú, com canteiros de mudas de café, plantadas dentro das normas lavradores estão pondo em prática com excepcional resultado.

Fotografia VIII — Mostra mudinhas transplantadas para recipientes individuais. Há vários anos já usamos com real sucesso, para êsse fim, lâminas de pinho.

Com êste recipiente, observamos além de sua facilidade de manejo, custo relativamente baixo, aproveitamento melhor de espaço no viveiro, etc., a vantagem principal de um melhor desenvolvimento e uniformidade das plantas, bem como uma porcentagem de pegamento quase ideal, ou seja aproximando-se de 100%.

As mudinhas devem ser transplantadas quando contam com 3 a 4 pares de fôlhas, ou seja, quando o sistema radicular das plantas é pouco desenvolvido e pode ser transplantando integralmente, sem grandes avarias, pois que, são as mudas retiradas do canteiro com torrão, o maior possível.

Fotografia IX — Reproduz as mudas anteriormente citadas, após 6 mêses de transplante, ou seja em estado próprio de plantio no local definitivo.

Fotografia X e XI — Mostram bem o que afirmamos acima, sôbre as vantagens do transplante individual das mudas nos vasos de madeira laminada, que como afirmamos, nos parece até o momento o vasilhame ideal para o transplante de mudas de café.

Fotografia V — Replanta com mudas individuais, plantadas a 15 cm mais ou menos.

Fotografia VI — Replanta com mudas individuais plantadas a 20 cm. Esta replanta como a da foto V, tem a mesma idade das replantas reproduzidas nas fotos III e IV. É interessante observar, o melhor desenvolvimento obtido pelo plantio de mudas individuais e com maior espaçamento.

Fotografia VII — Viveiro rústico. Mudas de café, em ponto ideal de transplante. Estação Experimental de Jaú.

Fotografia VIII — Mudas de café, transplantadas em recipientes individuais.

Fotografia IX — Mudas do tipo reproduzido na foto VIII, 6 mêses após o transplante.

Fotografia X — Mudas individuais, prontas para o plantio no local definitivo. Estação Experimental de Jaú.

Fotografia XI — Outro aspecto de mudas individuais, para replantio. Estação Experimental de Jaú.

Fotografia XII — Replanta com mudas individuais plantadas a 40 cm.

Fotografia XII — Com as mudas em aprêço e tendo-se em vista as observações anteriores, sôbre a distância de plantio das mudas nas covas, passamos então a plantá-las a uma distância de 40 cm e que nos parecia ser ideal, pois que ainda viamos inconvenientes para as distâncias de 15 a 20 cm. Nas fotografias vêm-se mudas individuais plantadas a 40 cm umas das outras.

Fotografias XIII e XIV — Demonstram o crescimento igual das plantas em altura e grossura do tronco, melhor conformação e eliminação da tendência da dominância de uma das plantas.

As plantas até agora descritas são todas da variedade Bourbon vermelho, provenientes de sementes selecionadas.

Fotografias XV e XVI — Os resultados satisfatórios obtidos com a variedade Bourbon foram confirmados quando trabalhamos com a variedade Caturra. Parece mesmo que esta variedade encontrou assim a forma ideal de plantio.

A fotografia seguinte, isto é, a nº XVI é um aspecto do campo de aumento da variedade Caturra na Estação Experimental de Jaú, plantado pelo sistema descrito.

Desejamos finalmente lembrar, que estas nossas observações são recentes e de cafeeiros ainda novos, dados que fomos colhendo, e observando em diversas fases de nossos trabalhos, que pelos resultados surpreendentes que apresentavam, nos fizeram coordená-los, dando forma de um pequeno trabalho preliminar, como contribuição para estudos mais acurados e precisos, que já estão em andamento pelos técnicos da Secção de Café, da Divisão de Experimentação e Pesquisas.

O que podemos concluir desde já é:

a) É incontestável a necessidade de os lavradores promoverem um trabalho intensivo de replantas das falhas de seus cafeeiros.

b) As replantas a serem feitas devem obedecer a normas mais racionais e serem tratadas melhor, sem o que os esforços dispendidos redundarão em perda de tempo e dinheiro.

c) É evidente a superioridade das mudas obtidas em vasilhame individual, em confronto ao processo usualmente empregado de plantio de várias mudas em único vasilhame.

d) O plantio das mudas em espaçamento maior nas covas que o usualmente empregado, traz vantagens, pelo menos iniciais e deve ser empregado por todos os lavradores que desejem obter uma boa replanta.

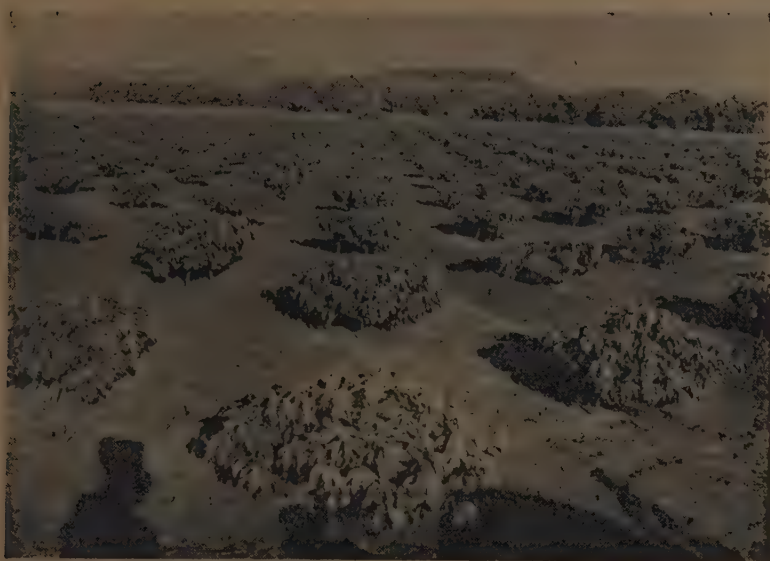
e) Com a obtenção dos resultados provenientes dos estudos em andamento no Instituto Agronômico poder-se-á precisar melhor, o espaçamento ideal, para as plantas nas covas, que tanto poderá ser menor que o máximo adotado por nós discrissionàriamente, como maior que êste. Seja entretanto qual fôr êsse resultado, estamos certos que as vantagens enumeradas no item anterior, subsistirão sempre.

f) Para o sucesso atraz apontados, precisamos ter em vista sempre que, os mesmos só serão possíveis, desde que às normas recomendadas, juntemos outras, já estudadas e comprovadas pelos técnicos do Instituto Agronômico, no que se refere a boa semente, método de semeadura e transplante, adubações, etc.

Queremos expressar os nossos agradecimentos ao colega José Estevam Teixeira Mendes, pelas sugestões e revisões no texto.

Fotografia XIII — Replantas com mudas individuais, com 18 mêses de idade. Bourbon vermelho.

Fotografia XIV — Outras replantas com 18 mêses de idade, de mudas individuais, plantadas a 40 cm. É interessante compará-las com as reproduzidas nas fotografias III, IV, V e VI. Bourbon vermelho.

Fotografia XV — Replanta da variedade Caturra, com mudas individuais, plantadas a 40 cm.

Fotografia XVI — Campo de observação da variedade Caturra, plantado com mudas individuais a 40 cm entre si. Estação Experimental de Jaú.

A AGRICULTURA AFRICANA VISTA POR UM AGRÔNOMO BRASILEIRO

O. T. MENDES SOBRINHO
Engenheiro agrônomo Sub-divisão de Estações Experimentais, Instituto Agronômico de Campinas

1 — INTRODUÇÃO

O Govêrno do Estado de São Paulo deliberou enviar à África, no ano p.p., uma missão de engenheiros agrônomos, para observar os resultados da aplicação dos planos europeus de desenvolvimento agro-pecuário às colônias africanas.

Como um dos componentes dessa missão, foi-nos atribuída a incumbência de observar o que se relacionasse com a produção cafeeira e desenvolvimento pecuário dos países visitados.

As notas que constituem objeto desta publicação versarão sôbre cada colônia, obedecendo à ordem em que foram percorridas.

Acompanha esta introdução um mapa com o roteiro geral da viagem Figura 1. Por outro lado, cada país terá o seu relato ilustrado com carta geográfica própria, na qual estará assinalado o itenerário nêle percorrido.

A importância do uso racional do solo, no progresso de uma nação, é assunto que já não padece dúvidas. O futuro da humanidade se condiciona, cada vez mais, à produtividade da terra. A reabilitação dos terrenos degradados pelo uso predatório passa à categoria dos problemas de estado. E a matéria adquire revelância tanto maior, quando se trata de terras tropicais e sobretudo, daquelas situadas diretamente sob o Equador. Há analogias muito estreitas não só entre os fatôres de degradação do solo na África e no Brasil mas também entre os processos que deverão ser postos em prática, lá como aqui, para combater o grande mal. Como é óbvio, versaremos o assunto na cultura do café. E, pelas razões expostas, seremos levados a tratar do problema, também, do ponto de vista geral em cada país, procurando transmitir o que nos foi dado observar.

A África se compõe de mais de 40 países, dos quais três são independentes. A restrição de regra é feita pelo Egito, Etiópia e República da Libéria. Pode-se, pois, sem exagero, chamá-la de Continente das Colônias. Todavia há "protetorados", "mandatos", "territórios" etc., que, na realidade, são outras tantas formas de denominação política de uma região por outro país.

O Brasil não têm possessões territoriais extras, e talvez, por essa razão, nós, que aqui nascemos e vivemos, estejamos alheios às formalidades governamentais exigidas para se visitar oficialmente uma colônia. Não nos ocorre que, para tal, sejam necessários entendimentos, permissões especiais das respectivas metrópoles e programas pré-elaborados

pelos representantes das mesmas. Entretanto, para percorrermos a África, tivemos que empreender a viagem via Londres, Bruxelas, Paris e Lisboa.

A 7/5/950, deixamos S. Paulo com destino a Londres, onde permanecemos o tempo necessário para elaboração de programas para as colônias britânicas.

Da Inglaterra rumamos para Bruxelas, dalí para Paris e delá para Lisboa.

A 15 de junho, o nosso "fly boat" da B.O.A.C. pousava no Lago Naivacha, em Quênia, a 30 quilômetros de Náirobi, que é a capital da colônia, na região dos lagos, em plena África Central. Embora tenhamos aportado em Quênia, em primeiro lugar, com o fim de ultimar o nosso programa de visitas à África Oriental Inglêsa, a nossa excursão de observadores, por conveniência de itenerário, começou, realmente, por Uganda.

Os países percorridos foram, 21, sendo seis na Europa, e 15 na África. No continente negro, visitamos oficialmente, Quênia, Uganda, Ruanda Urundi, Tanganica, Moçambique, Congo Belga, Angola, África Equatorial Francesa, Nigéria, Costa do Ouro, Senegal e Mauritânia. Estivemos também no Egito, Rodésias do Norte e do Sul, e Camerum Francês, pelos quais fizemos escalas, por via férrea e aérea.

A superfície e população dos países visitados na África são respectivamente: 12.076.715 kms2 e 76.334.042 indivíduos.

A distância, coberta em quilômetros, foi de 63.169, sendo: 45.853 em avião (174 horas voadas), 15.291 em automóvel e 2.025 por estrada de ferro, além de duas dezenas de quilômetros em barcos pelo lago Quioga e rios Zambéze e Congo.

2 — UGANDA

2.1 — Roteiro da Viagem

Procedentes de Náirobi, chegamos a Entebe, capital de Uganda, por via aérea dia 20/6/950. O programa de visitas que nos fôra organizado pelo Serviço de Relações Internacionais, da Alta Comissão da África Oriental Inglêsa, com séde em Náirobi, e por nós executado, obedeceu à seguinte ordem, assinalada no mapa de Uganda, Figura 2:

Dia 20/6/950 — Chegada a Entebe capital de Uganda, procedentes de Náirobi; entrevista com o Diretor do Departamento da Agricultura, Mr. A. B. Killik; recepção pelo Governador do Protetorado; partida para Campala; entrevista com o agrônomo provincial, Mr. R. K. Kerkham; visita à usina de benefício de algodão da firma indú "Kampala Cotton and Co. Ltd"; visita a propriedades indígenas; pernoite no "Hotel Imperial".

Dia 21/6/950 — Visita à Estação Experimental de Cavanda; visita à Estação Experimental de Namulonge, estabelecimento semi-público, estipendiado pela "Impire Cotton Growing Corp.", onde fomos recebidos pelo seu diretor, Mr. J. B. Hutchinson; pernoite em Campala.

Dia 22/6/950 — Partida para Jinja, capital da Província Oriental;

entrevista com o agrônomo provincial, Mr. D. R. N. Brown; visita ao Comissário Provincial; visita à culturas indígenas do Distrito de Busoga, acompanhados pelo agrônomo distrital, Mr. D. G. Parson; visita às nascentes do Rio Nilo em Ripon Falls.

Dia 23/6/950 — Partida para Mbale, na região do Monte Elgon, via Tororo; entrevista com o agrônomo distrital, Mr. R. K. Tremlett; visita à Estação Experimental de Bugusege; pernoite em Tororo.

Dia 24/6/950 — Partida para Bululu; visita à usina de despolpamento e secagem de café arábica da "Buguishu Coffee Marketing Company", à qual fomos acompanhados por Mr. Tremlett; visita às culturas indígenas de café arábica do Monte Elgon; visita ao campo de demonstração de Bubuda; partida para Sererê, via Soroti; pernoite na Estação Experimental de Sererê.

Dia 25/6/950 — Visita à Estação Experimental de Sererê.

Dia 26/6/950 — Regresso para Campala, via Lago Quioga e Bussembatia; pernoite em Campala.

Dia 27/6/950 — Partida para Cabale, no Distrito de Quiguési, na Província Ocidental, via Distrito de Ancole e localidades de Masaca e Mbarara; pernoite em Cabale.

Dia 28/6/950 — Partida para Ruanda Urundi, via Quisoro.

Em Uganda, cobrimos um percurso de 1.930 quilômetros, sendo 1.442 em automóvel o restante por avião, em oito dias de viagem ininterrupta. A excursão por Uganda se traduziu pelas visitas aos seguintes estabelecimentos: quatro estações experimentais, sendo duas especializadas em café, duas em algodão; um campo de demonstração para a cultura indígena de café; um escritório comercial de contrôle de mercados; três usinas de beneficiamento de produtos agrícolas, sendo uma de algodão e duas de café; cinco propriedades agrícolas de nativos, sendo três de café e duas de algodão e plantas alimentares.

2.2 — Descrição Geográfica

a) Posição Geográfica — Uganda é um país mediterrâneo, situado quasi no centro da África, em plena região dos lagos. Entebe, a sua capital, dista de Mombassa, pôrto de Quênia no Oceano Índico, em linha reta, 900 quilômetros. O país situa-se entre as latitudes de 4º N e 1º 30' S e as longitudes de 30º e 35º E de Greenwich. A esta posição correspondem-lhe, no Brasil, os territórios federais do Amapá e do Rio Branco. Convém lembrar que a localização de São Paulo está entre as latitudes de 19º 46' 30" S e 25º 16' 06" S e longitudes de 58º 08' 54" e 44º 09' 24" O de Greenwich.

b) Diferença Horária — A diferença horária entre Uganda e São Paulo é de 5 horas. A zero hora em Londres, pelo meridiano de Greenwich, os relógios de S. Paulo assinalarão vinte e uma horas e os de Entebe marcarão duas da madrugada.

c) Limites — Uganda confronta ao sul com o Lago Vitória e Tanganica, ao norte com o Sudão Anglo-Egípcio, ao oeste com o Congo Belga e a leste com Quênia.

d) Extensão Territorial — o comprimento das linhas extremas norte-sul e este-oeste são, respectivamente, de 644 e 563 quilômetros. A superfície total se traduz por uma área de 243.410 km2, na qual se incluem 35.431 km2 de águas interiores que correspondem a 14,5% da extensão territorial do país. Essas superfícies líquidas são representadas pelas águas dos lagos e pântanos, sobretudo. A área dos rios é reduzida, relativamente, por ser o país pobre em cursos dágua. A área de S. Paulo (247.223 km2) corresponde a 2,90% da superfície do Brasil.

e) **Topografia** — O Protetorado de Uganda acha-se sôbre o "Planalto da África Oriental" e fica a uma altitude não inferior a 1.000 metros acima do nível do mar. O país é um vasto altiplano, do qual uma parte considerável verte, suavemente, para a grande depressão representada pela bacia do Lago Vitória, ao sul do Protetorado. Nas adjacências do lago, os terrenos são vermelhos e constituem uma faixa contornante de cêrca de 50 quilômetros de largura em que a configuração topográfica faz lembbrar a do nosso município de S. Carlos. As províncias Ocidental, Buganda e Oriental pertencem à bacia dêste lago, para cujo seio correm as suas águas.

As áreas tributárias do Lago Quioga e do Rio Nilo Alberto compõem a grande planície do norte de Uganda. Apenas as ribanceiras dêste rio são escarpadas, como decorrência do encaixe pronunciado que o curso dágua cavou na planície. As águas da Província Setentrional demandam a bacia do Lago Quioga e o vale do Nilo Alberto. Três elevações distintas e afastadas uma das outras, na periferia do país estabelecem soluções de continuidade na planície de Uganda.

Monte Elgon — E' uma proeminência vulcânica considerável, que fica na Província Oriental, precisamente sob a linha divisória de Uganda e Quênia. O ponto mais alto do Elgon está a 4.660 metros acima do nível do mar e suas terras representam o que Uganda possui de melhor. Nas fraldas da montanha, estende-se todo o Distrito de Mbale, onde se acham estabelecidas as culturas de café arábica do Protetorado. Buguishu é a parte onde mais intensificadas se encontram essas culturas, tôdas pertencentes aos nativos. Segue-se-lhe imediatamente a zona de Bululu, onde o café arábica se sobressai, também, como cultura de exportação na área do Elgon. A fertilidade das terras e o valor do produto têm atraido para o sopé e fraldas da montanha uma população nativa que representa uma das concentrações humanas mais densas do país.

Ruvensori — No extremo oposto ao Monte Elgon, na Província Ocidental erguem-se as célebres Montanhas Ruvensori, formando uma série de elevações cujo pico máximo está a 5.534 metros acima do mar. O conjunto de montanhas apresenta uma forma alongada, cujo eixo maior se orienta no sentido norte-sul. A linha divisória de Uganda e o Congo Belga passa precisamente sôbre a massa montanhosa atribuindo partes a cada um dos países limítrofes. O Ruvensori fica entre os lagos Eduardo ao sul e Alberto ao norte, para onde correm respectivamente as águas que demandam à planície. Sem ser de origem vulcânica o Ruvensori constitui

formação bem mais antiga que o Monte Elgon. Pràticamente, o Distrito de Toro, todo, encontra-se nas encostas dessas elevações.

Montanhas Mufumbiro — No extremo sul da Província Oriental, onde Uganda confronta com o Congo Belga e com Ruanda, erguem-se essas montanhas, interessando todo o Distrito de Quiguesi. São de origem vulcânica e têm seu pico mais alto a 4.877 metros acima do nível do mar. As três elevações principais de Uganda acham-se na periféria do país. Como vimos, o interior do Protetorado é uma planície. A continuidade só é quebrada por elevações marginais ao Nilo Alberto na Província Setentrional. A inexistência de uma cadeia de montanhas, sob cujo regimem estivessem subordinada a hidrografia do país, determina a pobreza em cursos dágua, e, a ausência de vales: a resultante é a monotonia da paisagem decorrente da uniformidade da planície.

f) **Hidrografia** — O Protetorado de Uganda fica entre os braços oriental e ocidental do "Rift Valley" [1]. Essa situação empresta aspecto peculiar à hidrografia do país que é rica em lagos e pântanos elevados e extremamente pobre em cursos dágua. Aliás, tôda a vertente marítima da costa do Oceano Índico é de uma escassez notável de águas correntes. Os grandes pântanos marginais ao Lago Quioga, os alagadiços da margem ocidental do Lago Vitória e o tremedal do Distrito de Acholi, na Província Setentrional, em meio ao qual corre o Nilo Alberto cobrem apreciáveis áreas.

Uganda, com propriedade, poderia denominar-se o "país dos lagos". Quasi um têrço das suas linhas fronteiriças se desenvolve ao longo de rumos magnéticos, convencionais, sôbre a superfície dos lagos Vitória, Eduardo e Alberto, para separá-la de Quênia, Tanganica e Congo Belga. O Lago Vitória, ao sul do país, é o mais importante dos lagos africanos e dos maiores do mundo. Metade de sua área pertence ao território geográfico do Protetorado. Constitui o lago uma bacia de forma mais ou menos regular e pouco profunda. E' o maior reservatório do Rio Nilo e alimenta-o através de um vertedor natural, estreito, que regula o nível do lago. Resulta êsse "ladrão" em uma queda de água pouco superior a cinco metros e que se denomina "Ripon Falls". Ao pé dessa cachoeira, que foi revelada ao mundo em 1862, por Speke, nasce efetivamente o Rio Nilo, que daí parte com a denominação de Nilo Vitória. À margem direita do local, está edificada a cidade de Jinja, capital da Província Oriental. O rio que aí não atinge cem metros de largo deixa ver a margem oposta na Província de Buganda.

---

(1) O "Great Rift Valley" é a fenda existente na crosta terrestre que se estende por um sexto da circunferência do globo: começa no norte da Síria e finda-se na extremidade sul do Lago Niasa, na fronteira da Tanganica com a Rodésia do Norte. O Mar Morto, Mar Vermelho, Lagos Rodolfo, Naivacha e Niasa estão no curso do verdadeiro Rift Valley. A fenomenal rachadura terrestre, possui ainda dois braços: um que partindo do Golfo de Adem, se entronça com o curso principal do Rift na altura do Lago Rodolfo, em Quênia; outro o "Western Rift Valley", que principia no mesmo lago, e se desenvolve ao longo dos lagos "Alberto", "Eduardo", Quivu e Tanganica para o sul até encontrar o Rift principal, no extremo norte do Lago Niasa.

Visitamos Jinja em 22/6/950. Hospedamo-nos no "Ibis Hotel", mesmo à beira do lago, e a pouco menos de meio quilômetro da "Ripon Falls". Em companhia de Mr. D. R. N. Brown, Agrônomo Províncial, da Província Oriental, visitamos a histórica cachoeira, em cuja margem, em placa de bronze, engastada na rocha, se lê a seguinte inscrição comemorativa do grande evento do explorador inglês: "SPEKE DISCOVERED THIS SOURCE OF THE NILE ON THE 28 JULY 1862".

Estivemos também abaixo da "Ripon Falls", no lugar onde o Govêrno Inglês promove a edificação de uma reprêsa destinada a elevar o nível do lago, com o fim de ampliar as obras de irrigação do Sudão. O empreendimento é financiado pelos govêrnos inglês e egípcio. Dada a sua grandiosidade, mencionaremos os principais elementos que caracterizam a obra: elevação do nível do lago, 1½ metros; ampliação da superfície líquida, 260 km2, cujo levantamento será sensível a 354 quilômetros da reprêsa; o tempo previsto para que a altura atinja o limite projetado será de vinte anos; a descarga natural, atual, da "Ripon Falls" é de 600 m3 por segundo; o custo das obras está orçado em onze milhões de esterlinos (Cr$ 572.000.000,00 ao câmbio de Cr$ 52,00 a libra), correndo, £7.000.000 e £4.000.000 por conta dos govêrnos inglês e egípcio respectivamente; para prevenir a perda de água por evaporação, será construido um canal de 80 quilômetros através do Sudão, com dispositivos especiais, para conduto da água às irrigações; potencial hidro-elétrico, resultante 150.000 quilovates. Esta reprêsa é a primeira de um série de cinco ao longo do próprio Nilo, até Cartum e permitirá irrigar 600.000 has de terras para culturas de algodão.

Logo após a conclusão da reprêsa, a "Ripon Falls" desaparecerá. Sôbre êsse fato, observou Mr. D. R. N. Brown que, possívelmente, dentre os raríssimos brasileiros que visitaram o local, seríamos os últimos a ver a nascente do Nilo, tal como Speke a revelou ao mundo.

Menores que o Lago Vitória, porém de significativa importância no sistema hidrográfico do país são, os lagos "Alberto", "Eduardo", "George" e Quioga. Os dois primeiros constituem acidentes naturais por onde passa a linha divisória que separa Uganda do Congo Belga. Os dois últimos são interiores. O Lago Quiaga dá ao observador mais a impressão de imenso pântano que pròpriamente a de um lago, visto estar a sua superfície quase totalmente tomada por intensa vegetação de papiros. As características principais dos quatro lagos de Uganda, poderão ser apreciadas na relação a seguir:

LAGOS	Área	Profundidade	Altitude
Vitória	67.300 km²	79 m	1.227 m
Alberto	4.247 km²	52 m	670 m
Eduardo	1.813 km²	126 m	990 m
George	269 km²	6 m	989 m

O Continente Africano, conhecido pela exiguidade de seu sistema hidrográfico, conta, a rigôr, com quatro bacias fluviais de impor-

tância: a do Nilo, a do Congo ou Zaire, e a do Níger e a do Zambéze. A primeira aflue para o Mar Mediterrâneo, as duas a seguir para o Atlântico Sul e à última para o Oceano Índico.

As bacias dos rios Nilo e Congo, que são as mais importantes, têm as suas cabeceiras na região dos lagos africanos. O Rio Nilo, a partir do Lago Vitória, têm um curso de 4.025 quilômetros que lhe dá a primasia de mais longo do mundo. Quanto à extensão da bacia coloca-se em terceiro lugar, a do Mississipi-Missori em segundo, e a do Amazonas em primeiro.

O sistema hidrográfico de Uganda pertence à bacia do Rio Nilo. Já nos referimos ao contraste apresentado pelo país, entre a riqueza em lagos e a pobreza em cursos dágua. E, como para compensar esta deficiência, a história do Protetorado liga-se a do rio lendário.

No território do Protetorado, o Nilo cobre um percurso de 418 quilômetros de "Ripon Falls" à localidade de Nimule, na fronteira do Sudão. Nesse trajeto acusa um desnível de 580 metros, forma a cachoeira "Murchison Falls" e é alimentado quase exclusivamente com água dos lagos. Falta-lhe, como grande rio, uma numerosa rêde de tributários que torne rica a região por êle atravessada. Mal deixa a extremidade norte do Lago Alberto, ingressa em zona semi-árida e depois, pelo Sudão a dentro, em terras semi-desérticas.

Conforme vimos, a bacia do Nilo abarca todo o sistema hidrográfico do Protetorado. Entretanto, para uma compreensão da climatologia, flora, fauna e zonas agro-pastorís, o país carece ser dividido em três sub-sistemas ou bacias, a saber; a do lago Vitória, a do Quioga e a do Nilo Alberto. As condições de clima e possibilidades de desenvolvimento agro-pecuário variam para pior, na ordem das três bacias, ou sub-sistemas hidrográficos de Uganda.

Observando o relêvo do solo e a hidrografia do país, Uganda revela-se uma região extremamente original: sendo uma planície, apresenta três elevações das mais altas e pitorescas do continente africano; possuindo cinco lagos que lhe emprestam realce, pela sua importância, é pobre em cursos dágua a ponto de tornar inaproveitável grande parte da sua área territorial, para o desenvolvimento agro-pecuário. Adicionadas às superfícies líquidas do país às das regiões áridas, verifica-se que um têrço do Protetorado de Uganda é economicamente inaproveitado.

2. 2. 1 — SOLOS

A mais antiga formação rochosa de Uganda os pedologistas inglêses deram a denominação de "basement complex". São rochas sedimentares umas, metamósficas outras, e se apresentam sob as formas cristalizadas do granito, gnaisse e quartzitos. Mais de 70% dos solos de Uganda são originários dêste complêxo.

Uma distribuição razoável de chuvas torna êstes solos aptos à agricultura, como é o caso das terras de Bunioro. Entretanto, há zonas, no Distrito de Ancole, na Província Ocidental, onde os terrenos

com idêntica composição, não comportam senão uma exploração pastoril, em virtude da insuficiência de chuvas.

E, como se poderá verificar pelo mapa de Uganda, Figura 2, os sítios estão relativamente próximos. Em casos como êstes a determinante da fertilidade da terra é o regimem de chuvas e não o tipo de solo. O fenômeno da impraticabilidade da agricultura, consequente da rarefação das chuvas, adquire a sua forma mais típica, para além norte do Lago Quioga, até a fronteira com o Sudão Anglo-Egípcio.

A planície de Uganda repousa sôbre formações originárias do "basement complex". A sua topografia apresenta ondulações suaves que se sucedem determinando depressões mais ou menos estreitas, alagadiças e cobertas por compacta vegetação de papiros. Para o norte do país, as elevações se acentuam e, em consequência, as depressões se alargam e os alagadiços se expandem. Nestes casos, verifica-se uma gradação das condições de solo e de clima, que variam, paralelamente, tornando-se favoráveis à agricultura à medida que se distanciam do cimo das elevações, para as margens dos pântanos, onde a frequência das chuvas é maior e a terra ganha fertilidade. Caso típico é o da região convergente para o Lago Quioga.

Nas elevações montanhosas e nos terrenos declivosos marginais aos lagos, como é o caso da Bacia do Lago Vitória, os solos se apresentam com origens e formações diversas das que descrevemos.

2. 2. 1. 1 — TIPOS DE SOLOS

Os solos de Uganda, encarados de um ponto de vista geral, agrupam-se em quatro tipos principais. O seu conhecimento, aliado ao da climatologia do país, é que torna possível a interpretação da fitogeografia local e das razões do zoneamento agro-pastoril.

"Red earth" — São os solos das margens declivosas dos lagos: vermelhos; profundos e de ótimas qualidades físicas; neutros ou discretamente ácidos, mas com tendências à acidificação; possuem sílica e alumínio em um "quantum" que os coloca na linha limite dos solos laterizados ou não. A topografia mais ou menos acidentada que os caracteriza, o regimem de chuvas mais ou menos farto a que estão sujeitos, nas adjacências dos lagos, favorecem a degradação dêsses solos em apenas um ou dois anos, quando submetidos à agricultura predatória do nativo. O caso é freqüente nas proximidades do Lago Vitória. A pesquisa revelou que nos "red earths", a acidez aumenta da periferia para as camadas profundas. Em perfís de 1,35 metros, o pH encontrado em camadas subseqüentes de 15 centímetros, da periferia do terreno para as camadas profundas, foi o seguinte: 6,2-6,8; 6,0-6,6; 5,8-6,5; 5,5-6,1; 5,4-6,0; 5,6-6,0.

"Swamp fring soils" — São os solos marginais aos alagadiços: arenosos; ácidos, superficialmente, e alcalinos nas camadas mais profundas; cobrem-se de papiros nas áreas úmidas, enquanto que, nas partes enchutas, a cobertura vegetal predominante é uma espécie de acácia arbustiva e espinhosa, que se apresenta escassamente aqui e acolá sôbre o terreno. A pesquisa em um perfil de 1,35 metros de profundidade revelou

para estes solos, os seguintes índices, pH, por camada de 15 centímetros, a partir da periferia, para as partes mais profundas: 5-6; 5,2; 5,3; 6,9; 5,.6

"Swamp soils" — São os solos comuns da planície de Uganda: apresentam delgada camada de sílica quase pura, ácida, superficialmente, repousando sôbre leito argiloso, alcalino. Cêrca de 70% dos terrenos aráveis do país são dêste tipo e nêles é que está estabelecida a grande cotonicultura do Protetorado. A maior extensão destas terras se concentra ao redor do Lago Quioga. Conforme vimos, é em solos dêste tipó que a umidade funciona como determinante da fertilidade. A acidez pesquisada revelou, em um perfil de 65 centímetros de profundidade, os seguintes índices pH, em camadas sucessivas de 15 centímetros, a partir da periferia para as partes mais profundas: 5,7; 5,6; 6,1; 7,8.

"Volcanic soils" — São as terras do Monte Elgon, do Mufumbiro e das montanhas do Distrito de Quiguési. Na primeira dessas elevações, os solos originam-se de lavas alcalinas, ricas em bases de cálcio e sódio. Os solos do Mufunbiro provêm de lavas potássicas. Há ainda solos vulcânicos, alcalinos, nos distritos de Toro e Ancole, nas faixas marginais ao Rift Valley Ocidental.

2. 2. 1. 2 — USO DO SOLO

A regeneração das terras degradadas em Uganda, como em tôda África, constitue problema de Estado, sem, contudo, se revestir da gravidade com que se apresenta em Quênia ou Tanganica. Considerando a relevância do assunto, o govêrno do Protetorado criou, em 1935, a "Soil Survey Committee", cujo encargo era investigar: as causas da perda da fertilidade dos solos agrícolas; avaliar a extensão do problema; sugerir medidas para a reabilitação das terras degradadas. O novo organismo deu início às suas atividades com um levantamento agro-pecuário das pequenas comunidades africanas as "mitalas", e um estudo comparativo dos resultados obtidos, entre centenas de outras comunidades iguais em tamanho, de diferentes colônias inglesas. Obediente à tradição africana, o indígena vêm praticando o "shifting cultivation", sorte de agricultura nômade, feita aos saltos, de lugar para lugar. Consiste na limpeza a fogo, de reduzido pedaço de chão, correspondente às necessidades alimentares imediatas e primitivas de um agrupamento familiar o seu cultivo por dois ou três anos e o subsequente abandono por sete ou oito anos. Assim, o agricultor africano de Uganda sempre esteve ligado a terra sem, contudo, radicar-se a um mesmo pedaço de chão. A cultura africana, em seu primitivismo, não chegou ao ponto de despertar maiores aspirações ao indivíduo, além das da imediata necesidade de alimentação. Durante o pousío, o terreno fica tomado pela vegetação natural, especialmente pelo capim elefante em algumas zonas, e o sapé e o capim de rodes em outras. A vedação do solo à insidência vertical dos ráios solares pela massa vegetal e a modificação operada nas suas condições físicas, pelos bastos sistemas radiculares das gramíneas, promovem uma parcial reabilitação da fertilidade perdida.

A "Soil Survey Committee" chegou às seguintes conclusões a respeito do uso do solo em Uganda.

a) Que o "shifting cultivation" é um processo de cultivo inadequado, porque, no estado de degradação em que os solos se encontram, os oito anos de repouso não constituem tempo bastante para a recuperação da sua fertilidade. E a limpeza do terreno a fogo, para novo plantío, concorre para ineficiência do processo. Reconhece, contudo, que essa agricultura de saltos, com o abandono e recobrimento do terreno por oito anos, em certas zonas, retarda a marcha da erosão.

b) Que o tradicional repouso do "shifting" vem sendo reduzido e a degradação acelerada, com as crescentes necessidades da expansão agro-pastoril de Uganda, cujo surto data do início da administração européia.

c) Que até o início dêste século as pestes, fome e guerra, funcionavam como reguladores do equilíbrio biológico existente entre as populações e a reduzida área de terras férteis do Protetorado.

Com o advento da administração européia, cessaram as guerras entre as tribos, bem como as epidemias dizimadoras dos povos e rebanhos de Uganda. A paz foi estabelecida entre os belicosos; os índices de vitalidade melhoraram, com a aplicação da medicina preventiva, não obstante às taxas ainda altíssimas da mortalidade infantil (a prolificidade do africano é comparável, talvez só à do chinês ou do indú). Os recursos da moderna veterinária têm preservado os rebanhos das pestes cíclicas que os devastavam e garantido o seu crescimento. Por paradoxal que pareça, rompeu-se por essa forma, o equilíbrio de que falamos e o crescimento imoderado da população humana começa a promover a saturação demográfica das terras onde o clima permite a agricultura no país.

Êste problema constitue, pelo que pudemos observar, a maior preocupação dos dirigentes do Protetorado quanto ao seu futuro.

Simultaneamente, a cultura do algodão estabelecida para exportação em 1906, pelos europeus, vem sendo estimulada e tem crescido em rítimo acelerado. A seguinte estatística, nos mostra a progressão da cultura algodoeira em Uganda: 53.000 has em 1916; 211.000 em 1926; 600.000 em 1936; 621.000 em 1948.

A "Soil Survey Committee", em resumo, considera como fatores de degradação dos solos em Uganda os seguintes: aumento da população, aumento dos rebanhos, expansão algodoeira, incremento das áreas lavradas. O Quadro 1 nos dá uma idéia de como êsses fatores vem sendo estimulados, no distrito de Teso, ao norte do Lago Quioga (um dos mais favoráveis à agricultura, pelas suas condições de clima), após o advento da administração européia. Segundo a "Soil Survey Committee" os quatro elementos componentes do quadro citado avultam como o móvel do desgaste das terras porque à sua expansão não se contrapõe uma agricultura racional, mas uma morosa evolução do "shifting", para os métodos que objetivem o conservacionismo da fertilidade do solo. Baseado nos resultados das investigações feitas, a "Soil Survey Committee", estabeleceu as linhas mestras do planejamento do

combate ao mau uso do solo em Uganda, adotando medidas de duas ordens:

QUADRO 1 — Crescimento da população humana e dos rebanhos e aumento da área cultivada no Distrito de Teso, Uganda.

DISCRIMINAÇÕES	INCREMENTO NOS ANOS			
	1911	**1921**	**1931**	**1936**
População nativa	(1)	266.000	270.000	302.000
Rebanho bovino	133.000	172.000	337.000	385.000
Rebanho ovino	38.000	25.000	50.000	47.000
Rebanho caprino	93.000	91.000	119.000	146.000
Área cultivada com algodoeiro em hectares	6.000	19.000	46.000	63.000
Incremento da área lavrada, em hectares .	5	120	3.000	6.000

(1) Segundo a "East African Economic Statistical Bulletin", n.º 7, 1950, publicado pelo "East African Statitical Dept.", a população nativa do Distrito de Teso, em 1948 era de 394.159 habitantes.
FONTE "Agriculture in Uganda" publicado pelo Department of Agriculture, Uganda, editado por J.D. Tothill, D. Sc., Londres 1940.

imediatas, para atalhar a progressão do mal e **medidas de fundo,** para obtenção de elementos básicos ao estabelecimento de uma política conservacionista local, definitiva.

As providências imediatas postas em prática, foram as seguintes:

a) Limitação do volume dos rebanhos, pelo estímulo ao consumo de carne, como alimento, pelos nativos, melhorando-lhe a dieta.

b) Racionalisação da cultura algodoeira, ante a impossibilidade de reduzir-lhe a área; procurando diminuir os espaçamentos das plantações para intensificar o recobrimento do solo com a própria cultura; incentivando a cultura em contôrno; proibindo, por meio de legislação, as semeaduras nos meses de agôsto e setembro, por serem os mais propícios as erozões, devido ao regimem de chuvas.

c) Racionalização do uso das charruas, uma vez verificados os pre-

juízos decorrentes da prática dessa insipiente mecanização, sem orientação conservacionista.

As providências para o estabelecimento de uma política conservacionista dependem dos resultados que a pesquisa agro-pastoril for obtendo. No planejamento da experimentação o Protetorado foi dividido em duas regiões caracterisadas pelo clima de cada uma. Visou-se, sobretudo, a capacidade de desenvolvimento rápido das gramíneas, para a formação natural de pastagens, no estabelecimento da rotação agro-pecuária. Nessas condições, Uganda foi dividida em duas zonas: a dos "capins altos" "elephant grass zone" e a dos "capins baixos" "short grass zone". A primeira conta: por território geográfico, as províncias, Ocidental, Buganda e Oriental; como centro de pesquisas, a Estação Experimental de Cavanda; e como gramínea natural, o capim elefante (Pennicetum purpureum R. Br.). A zona dos "capins baixos" conta: por território geográfico, as regiões ao norte do Lago Quioga até onde as condições naturais permitem a cultura do algodão, a de amendoim e mesmo a do sorgo, interessando a Província Setentrional; como centro de pesquisas a Estação Experimental de Sererê; e como gramíneas expontâneas, o capim de rodes (Chloris gayana Kunt) e o sapé (Imperata cylindrica Beauv.)

Visitamos Cavanda e Sererê. Constatamos a importância que os agrônomos inglêses vêm dispensando à rotação agro-pecuária como processo de restauração dos solos e manutenção da sua fertilidade. Tivemos oportunidade de verificar que os primeiros resultados, após vinte anos de experimentação, estão indicando rumos novos à política de recuperação do solo no Protetorado.

Um dos fins visados pela experimentação em Sererê, é o de encurtar, ao mínimo, o tempo de repouso das terras (resting period), mas sem sacrifício da fertilidade, a fim de que possam estar em produção o maior tempo possível, para atender a expansão agro-pecuária do país.

A Estação Experimental de Sererê, foi fundada em 1920, com o fim de estabelecer pesquisas no sentido de melhorar a produção algodoeira. É, por isso, subsidiada por uma taxa que recai sôbre o algodão exportado de Uganda. Desde o início da vida do estabelecimento, os seus técnicos verificaram que as funções da estação não poderiam se restringir à experimentação e melhoramento do algodoeiro, porque embora se houvesse conseguido novas variedades, mais produtivas e mais resistentes às moléstias e pragas, a produção não lograva aumento. A questão prendia-se ao uso irracional do solo, praticado pelo nativo. Era necessário enveredar pela pesquisa de práticas novas na utilisação das terras submetidas à ação direto do Equador. Em 1929 foram iniciadas as experiências com um ensáio de rotação contínua, com três culturas em que pelo menos uma, era leguminosa. Ao cabo de dez anos, em 1930 portanto, verificou-se que o cultivo continuado da terra, sem repouso, havia provocado a sua exaustão extrema. Constatou-se ainda que em terrenos com apenas 5% de declividade, a erosão os havia depredado, embora a coluna dágua não fôsse além de 1000 mm. por ano.

Os resultados dêsses primeiros ensáios de Sererê, sôbre uso da terra, orientaram os seus técnicos no sentido da adopção do método de rodísio agro-pecuário a que deram o nome de "alternate husbandry". Um grande ensáio foi projetado pelo Dr. Yates, eminente especialista inglês, em técnica experimental, e sua montagem teve início em 1930. Êste ensáio consta de 45 tratamentos divididos em dois ciclos, com 5 repetições e 450 canteiros. Esta experiência visa obter indicações sôbre a melhor forma de repouso da terra, baseado no rodísio agro-pecuário e rotação de culturas no período do cultivo. E, os primeiros resultados de vinte anos já autorizam a preconização da alternância de agricultura durante três anos e pastagem, com ou sem gado, por igual tempo, como a melhor forma de manter a fertilidade da terra e aumentar a sua produtividade. Outro fato interessante foi revelado pelo mesmo ensáio: o "alternate husbandry", 3 por 3 anos, mesmo sem gado, com apenas o recobrimento do terreno por gramíneas deu melhores resultados, que o emprêgo de estêrco de curral curtido, aplicado a razão de 30.000 kg. por acre (o acre têm pràticamente 4.000 m2), ou sejam 180.000 kg. por alqueire paulista.

Chamou-nos a atenção o fato de os agrônomos inglêses haverem relegado a segundo plano as leguminosas, para a restauração dos terrenos, emprestando tôda a importância às gramíneas naturais como produtoras de massa orgânica. Acreditamos que essa orientação haja sido adotada em virtude das leguminosas serem de difícil cultivo no país, devido ao custo das sementes e, sobretudo, a infinidade de fungos e virus que as atacam e finalmente, pela necessidade de convencer o nativo, da utilidade do "plantio de adubos".

Parece-nos, entretanto, que razões de ordem técnica prevaleceram sôbre tôdas as demais, a respeito das vantagens das gramíneas sôbre as leguminosas, não só devido ao seu carater expontaneo, como à quantidade de massa e as modificações que o seu sistema radicular promove na estrutura física do terreno.

Quanto às gramíneas, notamos que, na Ãfrica, nenhuma delas produz volumes de matéria orgânica tão consideráveis como o nosso catingueiro (Melinis minutiflora Beauv.) e jaraguá (Hyparrhenia rufa (nees) Stapf.) ou colonião (Panicum maximum Jacq.). Mesmo os capins nativos como o rodes, quicúio (Pennicetum clandestinum Chiov), ou o elefante logram desenvolvimento semelhante ao dos nossos.

Conforme verificamos os agrônomos inglêses, alicerçam a reabilitação dos solos de Uganda na alternância da agricultura e repouso do terreno, recoberto com gramíneas. Verificamos que não obstante às dificuldades com que os técnicos da "Soil Survey Committee", lutam em Uganda, para convencer os nativos das vantagens dos novos métodos conservacionistas do solo, já progrediram bem nesse ingrato campo, especialmente nas terras montanhosas do país.

O que os agrônomos inglêses têm conseguido dos agricultores de Uganda por meio dos chefes nativos, no caso em apreço, é notável. Citaremos como exemplo o uso do solo e sua defesa no Distrito de Quiguezi.

Êste distrito fica a sudoeste da Província Ocidental na fronteira com Tanganica e Ruanda Urundi. A sua superfície total de 4.000 km2, é habitada por 312.619 pessoas 78 por km2 — A região é extremamente montanhosa. É qualquer coisa muito semelhante à nossa Serra da Bocaina.

A ocupação da terra é total e a subdivisão levada ao extremo. É uma região de contrastes: nativos, quasi nús, no estatus tribal, se dedicando a defesa da terra contra a erosão, com um desvêlo só imaginável em povos os mais evoluidos. Percorremos 250 km., em boas estradas, pela região e o aspecto era sempre o mesmo: a terra utilisada e defendida palmo a palmo. As culturas praticadas eram as de ervilha, feijão, batata doce, sorgo e algum milho para alimentação dos nativos e fumo, e piretro, para exportação.

Tôdas as elevações estão circundadas por meio de lotes de terra retangulares, dispostos com os diâmetros maiores no sentido do contorno, formando tiras simétricas que dão volta às montanhas e que são separadas umas das outras por faixas de 1,50 a 2,00 m., vegetadas com capim elefante. Estas formam verdadeiras palissadas do lado inferior de cada lote amparando-o contra a descida da terra. Os lotes são cultivados em alternância, porque aí intervem a rotação de culturas, ficando o terreno com aspeto pitoresco de um xadrez.

Na bacia do Lago Vitória, o problema da defesa das terras toma outra feição e a sua solução é bem mais simples. Em tôda essa área, onde o regimem das chuvas propicía colheitas compensadoras, a terra está também totalmente ocupada. A fisionomia da paisagem dá-nos a impressão de um grande desalinho de tudo: as propriedades dos nativos não têm formas definidas, o seu conjunto assemelha-se a uma colcha de retalhos; as malocas se acham dispersas em meio a paisagem, em um desarranjo ainda maior; as culturas de café robusta, a de bananeiras, mandioca, batata doce, sorgo e o capim elefante e o sapé, se apresentam misturados, emprestando um aspeto de "rocíos" os mais desordenados. De uma certa maneira o solo está recoberto quasi constantemente, por esta série de culturas e gramíneas expontânea que garantem uma certa proteção contra a insolação direta e contra as enchurradas. Em proporções, essas culturas e pastos poderiam ser representados da seguinte forma: 1% em cafeeiros, 30% em bananeiras, batatais e mandiocais, 25% em culturas anuais, amendoim milho e algodão e 35% em sapezeiros e capinzais. Isso na Província de Buganda. À medida que se vai para o norte, onde as terras são mais sêcas o café, como cultura de exportação, vae sendo substituido pelo algodão.

2.2. 2 — CLIMA

É para a faixa equatorial que convergem os alíseos, provenientes das regiões frias do nordeste e sudoeste do globo, onde as pressões atmosféricas são altas. As áreas de atrito dessas correntes sofrem sensíveis al-

terações na sua climatologia, devido às diferenças de temperatura das correntes dos ventos.

Assim acontece em Uganda. Situada sob o Equador, no Planalto da África Oriental, sofre o país sensíveis oscilações de temperatura nas 24 horas do dia e irregularidade na seqüência das estações do ano. A climatologia local é ainda influenciada pelas monsões, como aliás acontece em tôda a vertente do Oceano Índico.

Como clima equatorial, o de Uganda, se caracterisa por uma média anual constante da temperatura, do grau de úmidade do ar e por uma acentuada amplitude térmica, nas 24 horas do dia.

Por outro lado, diferenças de relêvo do solo provocam modificações locais, no regimem de chuvas, e entre o calor da planície e a temperatura amena dos montes Elgon, Ruvensori e Mufumbiro, e montanhas de Quiguesi.

2.2.2. 1 — CHUVAS

As chuvas de Uganda formam-se no Oceano Índico, de onde são arrastadas pelas monsões marítimas, periódicas, de verão, para o interior do continente precipitando-se sôbre o território do Protetorado, principalmente devido às diferenças térmicas dos alísios de sudeste e do nordeste.

Como todo o país tropical, as estações do ano são imprecisas, e se reduzem a duas: a da "sêca" e a das "águas".

Sob os efeitos dos fenômenos que descrevemos, e da condição de região equatorial elevada, a estação chuvosa se subdivide em dois períodos, intercalados por uma estiagem mais ou menos longa, ou de quasi nenhuma chuva. O período das "chuvas grandes" coincide com os meses de março, abril e maio, enquanto que o das "chuvas pequenas" coincide com os meses de setembro, outubro e novembro. Por outro lado, há duas estações sêcas: a que se intercala entre os períodos úmidos, cobrindo os meses de junho e julho e a estação sêca, pròpriamente, que corresponde aos meses de dezembro , janeiro e fevereiro.

Contudo, êsses períodos sêcos e úmidos, são irregulares. Pode acontecer ainda o caso das monsões não serem marítimas e sim continentais: neste caso, em vez de chuvas, o país será assolado por sêcas catastróficas.

Um dos fatos que nos chamou a atenção em tôda a África Equatorial foi a chocante variação no regimem de chuvas por efeito de acidentes geográficos, de pouca significação. O fenômeno é típico na planície de Uganda e nas adjacências dos lagos: em 1945, no Distrito de Ancole, Província Ocidental, as chuvas acusaram uma coluna de 570 m/m, e em Come, ilha do Lago Vitória, bem próxima a Entebe, a coluna pluviométrica atingiu 2382 m/m, sem que a distância entre os dois sítios seja superior a 250 quilômetros.

QUADRO 2 — Colunas pluviométricas mensais, médias, em milímetros, em diversos localidades de Uganda.

MESES	LOCALIDADES				
	ENTEBE Média de 50 anos	CAMPALA Média de 15 anos	MBALE Média de 37 anos	SERERÊ Média de 24 anos	CABALE Média de 28 anos
Janeiro	64	46	22	24	59
Fevereiro	67	40	57	62	95
Março	156	125	90	91	127
Abril	250	173	153	203	123
Maio	240	144	169	177	89
Junho	119	72	125	110	25
Julho	75	34	110	113	20
Agôsto	73	86	134	158	58
Setembro	73	88	108	147	95
Outubro	94	90	80	111	98
Novembro	129	120	69	98	106
Dezembro	114	99	40	52	84

FONTE — "East African Agriculture", Editado por J. K. Mathenson Londres, 1950. Na conversão de polegadas a milímetros, os números foram arredondados, com despreso das frações menores que meio milímetro.

2.2.2. 2 — TEMPERATURA

Em Uganda, as árduas condições de temperatura, são atenuadas, parcialmente, pela altitude de seu território, que em grande parte flutua entre 1000 e 4686 metros, acima do nível do mar. As províncias de Buganda e Ocidental é que apresentam maiores extensões com clima ameno. As temperaturas mais altas são registradas nas margens do Nilo Alberto, próximo a fronteira com o Sudão, onde há uma faixa de território com 600 metros de altitude.

O Quadro 3 permite verificar-se as diferenças térmicas durante os meses do ano, em diversos pontos do Protetorado.

Quadro 3 — Médias mensais de temperatura, em graus centígrados, em diversas localidades de Uganda.

MESES	LOCALIDADES				
	ENTEBE 1931/45	CAMPALA 1931/45	MBALE 1932/45	SERERÊ 1941/45	CABALE 1932/45
Janeiro	22,1	23,1	23,9	25,5	16,7
Fevereiro	22,2	23,0	24,1	25,8	17,0
Março	22,1	22,2	23,8	25,2	17,0
Abril	21,9	21,8	23,1	24,1	16,7
Maio	21,5	21,2	22,2	23,2	16,7
Junho	21,1	21,1	22,1	23,1	15,9
Julho	20,5	20,8	21,5	22,5	15,8
Agôsto	20,8	15,3	21,5	22,5	16,6
Setembro	21,2	21,6	21,9	23,1	16,8
Outubro	21,8	22,0	22,5	24,2	16,8
Novembro	21,8	22,0	22,9	23,2	16,6
Dezembro	21,6	22,1	23,1	24,7	16,3

FONTE — "East African Agriculture", editado por J. K. Mathenson Londres, 1950.

2. 2. 2. 3 — ZONAS TERMOPLUVIOMÉTRICAS

O Serviço Meteorológico de Uganda dividiu o país em quatro zonas termo pluviométricas a seguir descritas:

Zona do Lago — Abrange tôda bacia do Lago Vitória, compreendendo uma faixa contornante de 80 quilômetros de largura. Nesta zona, as chuvas variam entre 1250 m/m e 2250 m/m por ano. Embora chova durante todo o ano, há uma diminuição das precipitações em janeiro e fevereiro e em junho e julho. A amplitude térmica nas 24 horas do dia, entre a mínima e a máxima é de 8º C.

Zona de Caramoja — Abrange quasi tôda a Província Setentrional. A estação chuvosa extende-se de abril a agôsto, com minimas em junho, máximas em maio e julho, enquanto que janeiro e dezembro são os meses mais sêcos. A coluna dágua varia entre 500 m/m e 1000 m/m. A temperatura flutua entre as médias de 32ºC e 35ºC, na estação sêca, e ao redor da média de 26ºC, durante os meses chuvosos. A amplitude térmica, acusa média anual de 16ºC, nas 24 horas do dia.

Zona Uganda Oriental — Abrange quasi tôda a fronteira montanhosa do Protetorado com o Congo Belga e as bacias dos lagos Alberto, Eduardo e George. Embora haja pequenas diferenças de altitudes entre um ponto e outro, nas montanhas, o regimem de chuvas é mais ou menos uniforme. Abril e outubro são os meses mais chuvosos. À margem dos lagos, a média anual gira ao redor de 1000 m/m, ao passo que nas montanhas, vae a 1500 m/m. A amplitude térmica, nas 24 horas do dia, varia entre as médias anuais de 12ºC e 14ºC.

Zona Acholi, Quiga, Catonga — Abrange a maior parte do país e carateriza-se pela uniformidade de clima. Em quasi sua totalidade esta zona é plana e acha-se a uma altitude variável entre 1000 e 1300 metros. A estação chuvosa vae de março a novembro, com precipitações máximas em março-abril e setembro-outubro, e mínimas em junho-julho. As chuvas de dezembro, janeiro e fevereiro são particularmente escassas. A coluna pluviométrica média varia entre 1000 m/m ao sul da zona 1300 m/m ao norte. A temperatura média, anual, gira ao redor de 28ºC. A amplitude térmica é de 14ºC.

São grandes as variações termo pluviométricas de Uganda maxime considerado que o seu território é quasi todo uma planície, sem cadeias de montanhas, e a sua superfície menor que a do nosso Estado.

2. 2. 3 — GEOBOTÂNICA

O visitante de Uganda experimenta uma sensação de surprêsa, quasi de desapontamento, ao verificar que o país não possue florestas. E o fato se repete em tôda a África Oriental Inglêsa.

A mata primária de Uganda está pràticamente extinta e substituida, não por florestas secundarias, mas por culturas de plantas alimentares, de algodão de café e por gramíneas forrageiras nas áreas onde as chuvas são favoraveis à agricultura. As savanas, cuja origem ainda é objeto de discussão, estão cobertas por gramíneas rasteiras,

em meio as quais cresce a acácia espinhosa (Acacia s.p.), arbustiva, não em massiços, mas de maneira esparsa.

Segundo as estatísticas [1] Uganda possue apenas 6.734 quilômetros quadrados de florestas vedadas, em blocos dispersos, cujas áreas variam desde algumas centenas de milhares de metros quadrados, até o máximo de 500 km2.

Mais da metade do país é, fitogeogràficamente, caraterisada como região do tipo savana. Esta obedece a uma gradação, a partir da "floresta tropical" que margina o Lago Vitória, onde as chuvas são constantes, passando à vegetação arbustiva da bacia do Lago Quioga e desta para as acacias arbustivas, esparsas, e finalmente, para a cobertura exclusiva de gramíneas nas áreas semiáridas do extremo norte.

Tôda a zona de savana típica, tem o chão revestido por gramíneas expontaneas das quais a mais representativa é a Hyparrhenia, que muito se assemelha ao nosso jaraguá, porém, sem possuir a pujança dêste. A vegetação arbórea, ou arbustiva, que é a mais comum, cresce em meio a cobertura de gramíneas.

Para uma apreciação da flora de Uganda, é necessário subordinar-se o país ao seguinte zoneamento fitogeográfico: zona das montanhas, que possuiram "florestas tropicais"; zona da bacia do Lago Vitória, que também foi revestida por "florestas tropicais", porém, com características diversas da flora da montanha; e a zona das savanas, que abrange o resto do país. Esta última zona ainda poderia ser subdividida em duas sub-zonas, que seriam delimitadas pelo tipo de vestimento do solo que é determinada pela maior ou menor quantidade de chuvas.

Possìvelmente, só as ilhas do Lago Vitória, do arquipélago a que pertence a Ilha de Come, em frente a Entebe, é que possuiam "florestas equatoriais", semelhantes as do Baixo Congo e do Baixo Niger.

As plantas que mais se destacam na flora expontânea de Uganda são as seguintes: zona das montanhas — cedro africano, teca do Elgon, e oliva de Quênia; zona da bacia do Lago Vitória — albizias s.p., ficus s.p. e o capim elefante, como vegetação erbácea de cobertura; zona de savana — combretum s.p., ficus s.p., a palmeira (Borassus flabellifer L.), e o Hyparrhenia, como cobertura erbácea. O sapé. (Imperata cylindrica Beauv.), bastante semelhante ao nosso (Imperata brasiliensis Trin.) aparece como vegetação subexpontânea e toma completamente o chão após o cultivo. Os alagadiços, invariàvelmente, estão cobertos pela vegetação de papiros (Cyperus papyrus L.).

Os campos de Ancole, são uma interessante região de savana, insulada na zona florestal da bacia do Lago Vitória, coberta pela Hyparrhenia, e habitada pelos pastores da Tribo Baíma, que são os criadores do original gado Ancole, de pelagem vermelha, grande porte e cornos exageradamente grossos e longos.

---

[1] Year Book and Guide to East Africa. 1950 Edition Sampson, Low, Marston & Co. Ltd., London.

2. 2. 4 — SALUBRIDADE

A ausência de colonização branca em Uganda é reflexò evidente da insalubridade do país. Pois mesmo altitudes superiores a 1000 metros não o isentam do ónus das moléstias tropicais.

Malária: É epidêmica em tôda a área de altitude inferior a 2.300 metros e endêmica mesmo na montanha. Os surtos malarígenos se manifestam com maior intensidade em duas épocas do ano, que correspondem ao término dos períodos chuvosos: abril-maio e novembro-dezembro. Os sítios mais pestivos do país, com relação a malária, são os adjacentes ao Lago Quioga.

Doença do sono: É a tripanossomíase, transmitida ao homem e aos animais domésticos e silvestres, de indivíduo contaminado a indivídio são pelas moscas do genero Glossiana (artrópodes hematófagos). Os tripanossomas patogênicas para o homem são Tr. gambiensi e o Tr. rhodesiense, embora o agente vetor seja sempre a mosca do sono, a tze-tzê. Anteriormente a administração britânica, a moléstia se manifestava, periòdicamente, por surtos epidêmicos dizimadores da população humana e dos animais domesticos. Até hoje os cientistas não lograram descobrir uma vacina que imunize as pessoas ou animais. A remoção das populações das regiões contaminadas, para outras, livres da tze-tzê e a interdição dos sítios infestados, ao ingresso humano é o recurso de que se têm valido as autoridades governamentais. É, como se vê, uma providência de carater aleatório, que não representa a solução para o problema. Há, no Protetorado, diversos focos de moscas do sono, quasi todos localizados nas proximidades dos lagos. As áreas a eles correspondentes nas adjacências dos lagos Eduardo, Alberto, George e ao redor dos pântanos do Distrito de Nilo Ocidental, na Província Setentrional, estão vedados. Quasi tôda a fronteira com o Congo Belga está tomada pela terrível glossina. Há, também, focos de moscas nas ilhas do Lago Vitória e a margem dêste, bem próximo à cidade de Jinja. Essas interdições representam áreas apreciáveis, sem possibilidades de aproveitamento à agricultura ou à pecuária, concorrendo para a redução da produção alimentar do país. Em 1902, e nos anos imediatos, manifestou-se uma epidemia de doença do sono à beira do Lago e nas ilhas próximas a Entebe, que matou mais de 200.000 nativos. E o recurso foi, como o têm sido até nossos dias, a remoção da população em massa para regiões não contaminadas. A partir de 1921 o govêrno de Uganda fez tentativas de repovoamento dessas áreas, com sucesso em algumas e fracasso em outras. Nestas, até hoje persistem focos de tze-tzê. As ilhas, contudo, permanecem vedadas. Pouco antes da nossa visita à região, havia sido feita uma prova para a constatação da existência da glossina na "interdição" próxima a Jinja. A experiência demonstrou a persistência do ativo foco de moscas. Os ensaios são feitos por meio da introdução de bovinos que, pela contaminação da triponossomíase e morte conseqüente, funcionam como indicadores. Informou-nos o agrônomo que nos acompanhava, quando atravessamos essa "interdição", Mr. D. G. Parson, que alí haviam sido soltas quinze vacas e que ao cabo de noventa dias tôdas

FIGURA 3 — Aspectos de Uganda: A — Agricultura indígena, solo desprotegido, encostas do monte Elgon, zona de Bululu; B — Agricultura indígena em faixas de nível, montanhas do Mufumbiro, distrito de Quiguesi; C — "Alternate husbandry", rotação com pastagem, estação experimental de Sererê; D — Cachoeira "Ripon Falls", nascente do Rio Nilo, no Lago Vitória, em Jinja.

ROTEIRO DA VIAGEM
Á
UGANDA
19-6-1950 a 29-6-1950
SUDÃO ANGLO EGIPCIO
QUÊNIA
ACHOLI
CARAMOJA
OESTE NILO
CONGO BELGA
LANGO
TESO
BUNIORO
MENGO
MBALE
BUSOGA
MUBENDE
TORO
QUÊNIA
MASACA
ANCOLE
QUIGUESI
TANGANICA
RUANDA
Lago Vitoria
Lago Alberto
NILO VITORIA
NILO BRANCO
SOROTI
PALISSA
BUGUSEGUE
BUCULU
TORORO
BUSEMBATI
JINJA
CAVANDA
NAMULONGUE
CAMPALA
MBIGUI
ENTEBE
MASACA
MBARARA
NETUNGAMO
CABALE
QUISORO
RUENGUERI
QUISENI
(QUÊNIA)
NAIROBI
Convenções:
ZONAS CAFEEIRAS
1 PROVINCIA ORIENTAL
2 BUGANDA
3 OCIDENTAL
4 SETENTRIONAL

Fig. 2

haviam sucumbido ao triponossoma. É oportuno lembrar, entretanto, que Uganda enfileira-se entre os países africanos menos afetados pela mosca do sono.

Moléstias venéreas: São doenças que foram introduzidas pelos brancos e um mal que grassa em Uganda atingindo homens e mulheres.

Lepra: A estimativa oficial consigna a existência de 100.000 ansenianos — 2% sôbre a população total — dos quais apenas 3.000 têm estado em tratamento e assim mesmo em domicílio próprio.

O govêrno do Protetorado procura, por todos os meios, superar as causas geradoras das moléstias que afetam a população. Entretanto encontra pela frente, dois consideráveis fatores oponentes e neutralizadores de uma ação rápida: a sub-alimentação do indivíduo, e consequente debilidade orgânica, que o torna presa fácil das doenças; a cultura indígena com suas crenças, tradições religiosas, determinando atitudes, que resultam em oposição passiva aos progressos da higiene. Aliás, a própria deficiência alimentar é consequência do primitivismo do africano. As partes de clima mais saudável de Uganda encontram-se nas províncias Ocidental e de Buganda, onde regiões atingem altitudes superiores a 2.500 metros acima do nível do mar.

(Continua no próximo número)

Resumos e Transcrições

Como Reconhecer o Piolho Branco e Combater Essa Praga no Cafèzal

JALMIREZ GOMES

O cafeeiro e outras plantas cultivadas são de quando em vez, muito atacados por pequenos insetos conhecidos vulgarmente por "piolhos brancos" pelo fato de apresentarem o corpo, coberto por uma substância branca com aspecto de farinha. São esses piolhos, coocideos cientificamente denominados de PSEUDOCOCCUS cujas especies mais prejudiciais vivem nas partes aéreas (fôlhas) e nas raízes das plantas sugando a seiva da planta.

LOCALIZAÇÃO DA PRAGA

Nas fôlhas e brotos os insetos localizam-se em pontos mais abrigados e sombrios, formando colonias densas onde quase sempre aparece um revestimento preto, com aspecto de fuligem (fumagina), que se espalha sôbre a planta. Esta fuligem desenvolve-se à custa de uma substância açucarada expelida pelos piolhos.

Quando a parte subterrânea da planta é atacada, formam-se sobre as raízes nodosidades ôcas (criptas), chamadas "pipocas", produzidas por um fungo, no interior das quais o piolho vive causando danos bem sensíveis.

PREJUÍZOS

Nas grandes infestações, as plantas novas definham, amarelecem e em geral morrem. Nos vegetais já desenvolvidos, porém de pouco vigor, o inseto ocasiona depauperamento, queda de frutos e, em certos casos, a morte dos mesmos.

ASSOCIAÇÃO COM FORMIGAS

Nas plantas atacadas pelos "piolhos brancos" nota-se, na maioria das vezes, a presença de pequenas formigas que se alimentam do líquido adocicado que esses insetos eliminam. É encontrada com mais frequência a formiga "ruiva, lavapés ou de fogo". Essas formigas, em troca do alimento que recebem, protegem os PSEUDOCOCCUS contra o ataque de outros insetos, encarregando-se também de transportá-los para as raízes das plantas.

A "formiga ruiva" comumente faz o ninho na base do tronco, aprofundando-o no terreno ao redor das raízes centrais. Ocasiões há em que os formigueiros aparecem em forma de saliências ou montículos de terra na superfície do solo, às vezes distantes das plantas, e que na época apropriada ENXAMEIAM, saindo então as fêmeas e machos que irão formar novos formigueiros.

A "formiga ruiva" não é nociva sòmente por proteger os piolhos. Localizando-se no pé da planta, roe a casca pondo a descoberto os tecidos que poderão ser invadidos por "podridões".

COMBATE

Não existe, por enquanto, método eficiente de combate a esses piolhos quando alojados nas raízes. Quando atacam a parte aérea, podem ser combatidos com emulsões de óleo, pulverizando-se as plantas com inseticidas como o "albolineum" ou o "Citro-Mulsion" na proporção de 1 litro para 100 de água. Este tratamento deve ser repetido 20 a 25 dias depois, caso seja necessário.

Eliminados os piolhos, a formiga tende a desaparecer. Pode-se, todavia, combatê-la diretamente espalhando-se nos ninhos e "carreiros", ou em redor do pé das plantas, hexacloreto de benzeno em pó (B.H.C.) com 1% de isômero gama, isto é, o mesmo inseticida que tem sido usado no combate à broca do café.

(Do "O Tempo" de 25-2-51).

O café visto nos Estados Unidos

N.º 719 **CARTA SEMANAL DO MERCADO** **6 de Abril de 1951**

SITUAÇÃO GERAL: A semana decorreu sem nenhum acontecimento de importância econômica que pudesse alterar a situação geral. Ao que parece, está desaparecendo a inquietação que havia sôbre a possibilidade de uma sensível redução no volume da produção industrial motivada pelo alto nível dos inventários. E como resultado daquela nova atitude, mais otimista, notou-se ligeira melhoria nos índices dos vários mercados, tanto no de valores como nos de produtos naturais básicos.

E' possível que os seguintes comentários de um observador do mercado, descrevam melhor a situação relativamente às perspectivas econômicas do país: "Embora seja verdade que as recentes baixas de preço de alguns produtos e a convicção de que os inventários encontram-se bastante elevados, tivessem um efeito calmante sôbre o movimento inflacionista, também é verdade que ainda não chegou o momento para concluir que o ciclo inflacionista haja terminado. Se não fôra a existência de um vasto programa de defesa, cujas proporções são cada vez maiores, e se não fôra pela situação internacional, a qual pode deteriorar de um momento para o outro, não resta dúvida que os vastos inventários de hoje junto com a súbita diminuição da procura por parte do público consumidor, constituiriam as condições ideais para uma baixa geral dos preços de enorme amplitude. Essas duas considerações, porém, são demasiado importantes para que possam ser ignoradas, muito embora pareçam estar sepultadas sob uma verdadeira montanha de inventários".

MERCADO DE CAFÉ: Continua notando-se a falta de atividade neste mercado. E as reduzidas operações efetuadas dizem respeito a cafés para entrega imediata. Êsse fato parece mostrar que o interêsse dos importadores está, neste momento, concentrado apenas nos negócios imediatos. Mas deve-se observar, porém, que à vista dessa situação, a qual tem exercido certa pressão sôbre os níveis de preços, as ofertas dos países produtores são moderadas e não revelam nenhuma pressão de vender. E não resta dúvida que a essa atitude dos produtores deve-se, em grande parte, a estabilidade fundamental do mercado nesta emergência.

No que respeita ao termo local, notou-se nos primeiros dias da semana uma sensível debilidade nas cotações alí. Mas a partir de quarta-feira as cotações começaram a reagir e, para o encerramento de ontem haviam recuperado o terreno perdido nas sessõe anteriores. Para hoje ao meio dia, no momento de escrevermos esta Carta, aquela nova firmeza continuava predominando e as cotações estavam ligeiramente acima dos níveis em que haviam fechado na quinta-feira da semana passada. E' interessante notar que, aparentemente, a tendência de liquidação da posição aberta terminou. Esta manhã a posição aberta era de 2.247 lotes em comparação com 2.136 lotes na sexta-feira da semana passada.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: Os níveis gerais dos preços no mercado físico do produto não mostram nenhuma alteração significativa em comparação com os preços da semana passada. No que repeita aos cafés brasileiros, o tipo Santos 4

continua sendo cotado de 52 /c para cima, na base F.O.B. ao passo que os colombianos mantém a cotação aproximada de 58 3/4 /c para os tipos Excelso, na base ex-doca Nova York.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Estados Unidos	Dados Semanais — Destinos Principais — Europa	Outros	Total
BRASIL*	31-3-1951	265.000	213.000	16.000	494.000
	24-3-1951	66.000	44.000	11.000	121.000
	1-4-1950	146.000	21.000	38.000	205.000
COLÔMBIA**	31-3-1951	31.259	569	1.836	33.664
	24-3-1951	52.900	4.190	2.990	60.080
	1-4-1950	31.977	3.057	493	35.527

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas terminadas em: 31-3-1951	24-3-1951	1-4-1950
BRASIL*	Santos	1.685.000	1.809.000	1.835.000
	Rio	621.000	719.000	621.000
	Vitória	48.000	64.000	90.000
	Paranaguá	636.000	738.000	165.000
	Pernambuco	19.000	24.000	22.000
	Bahia	20.000	19.000	29.000
	Angra dos Reis	40.000	—	28.000
	TOTAL	**3.069.000**	**3.373.000**	**2.790.000**
COLÔMBIA**	Barranquilla	164.508	163.735	206.276
	Cartagena	82.789	81.514	93.366
	Buenaventura	44.090	23.744	130.364
	Cucuta	84.169	85.167	60.024
	TOTAL	**375.556**	**354.160**	**490.030**

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK:(*)

Países de Origem (sacas de pesos diferentes)

Semana de:	Brasil	Colômbia	Outros	Total
31-3-1951	115.105	108.734	87.910	311.749
24-3-1951	102.510	100.675	84.257	287.442
1-4-1950	153.194	203.328	114.800	471.322

(*) Dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.
(**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.
(***) Inclue sacas dos Estados de Paraná, Goiás, Minas Gerais e Mato Grosso.

ESTOQUES NO INTERIOR DE SÃO PAULO: (*)

Safra	Fevereiro de 1951	Janeiro de 1951	Fevereiro de 1950
1948-49	—	—	—
1949-50	—	—	5.076.000
1950-51	4.489.000	5.243.000	—
TOTAL	4.489.000	5.243.000	5.076.000

Despachos por estrada de ferro durante 1 de Junho a 20 de Fevereiro para:

Santos	7.028.000
Rio	767.000
Angra dos Reis	4.000
Outros (***)	1.027.000
TOTAL	**8.826.000**

N.º 14 — O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA — 6 de Abril de 1951

PAÍSES PRODUTORES

Brasil: Nesta seção temos feito referência, em várias ocasiões, às notícias que o Sr. Robert B. Elwood, segundo secretário da Embaixada dos Estados Unidos no Rio, envia para Washington sôbre a situação cafeeira no Brasil. Essas notícias recebem, normalmente, grande publicidade neste país, pois elas refletem o ponto de vista oficial dos Estados Unidos relativamente aos acontecimentos naquele grande país do Sul, sendo usadas pelos vários departamentos do Govêrno dos Estados Unidos que tratam de assuntos relacionados com o comércio e agricultura em geral e o café em particular. Também o comércio local acompanha atentamente essas informações do Sr. Elwood, de vez que elas proporcionam dados valiosos que a indústria cafeeira necessita em suas operações e planos futuros. Ainda recentemente, no N.º 11 desta mesma seção, correspondente a 16 de Março último, transcrevemos um artigo baseado nas informações do Sr. Elwood. Agora temos o prazer de reproduzir os seguintes trechos do último relatório sôbre a situação brasileira enviado do Rio de Janeiro pelo Sr. Elwood:

"Tendo em conta o que já se sabe sôbre o ciclo bienal de produção, e admitindo como certa uma temporada de condições climatológicas normais em 1951/52, seria judicioso estimar como segue a safra 1952 para embarque aos portos em 1952/53:

Estado	**Sacas de 60 quilos**
São Paulo	10.000.000
Paraná	4.000.000
Minas Gerais	2.300.000
Espírito Santo	1.500.000
Rio de Janeiro	200.000
Goiás	80.000
Outros Estados	250.000
TOTAL	18.330.000

"É muito possível que a produção em São Paulo e Minas Gerais mostre pouca tendência a aumentar ou diminuir no decurso dos próximos cinco anos, admitindo-se que os preços do café continuem a um nível lucrativo durante esse período. A idade média das árvores em produção será lògicamente maior, mas notar-se-á muito pouco abandono de árvores e, por outro lado, o aperfeiçoamento dos métodos de cultura impedirá ou retardará a tendência dos arbustos velhos de produzir menos. Outrossim, esperam-se poucas alterações no que diz respeito ao nordeste brasileiro. E a produção tenderá a aumentar nos Estados de Paraná, Espírito Santo e Goiás.

"Aparentemente, é uma imprudência predizer-se o ciclo de produção, o qual é normalmente de dois anos, para além de 1952. Sucede que ocasionalmente, devido à condição errática do tempo, há duas colheitas pobres em dois anos sucessivos. Nesse caso, passam três anos entre uma boa colheita e outra em vez dos dois anos do ciclo usual. Foi isso o que sucedeu no Estado de Espírito Santo em 1938-41, como mostram as seguintes estatísticas relativas ao café dêsse Estado, embarcado ao portos, das safras de 1935 a 1949:

Ano	Sacas de 60 quilos	Ano	Sacas de 60 quilos
1935	1.623.000	1943	1.879.000
1936	1.813.000	1944	1.225.000
1937	1.452.000	1945	2.132.000
1938	1.787.000	1946	1.206.000
1939	1.484.000	1947	2.041.000
1940	1.160.000	1948	1.031.346
1941	1.950.000	1949	2.548.105
1942	1.418.000		

O ciclo em São Paulo é menos fixo, porém, do que o ciclo em Espírito Santo. Não apareceu nas estatísticas de produção dos anos 1936 a 1944, mas voltou a reaparecer nas estatísticas dos anos 1945 a 1949. Êsse ciclo sofreu, novamente, uma interrupção com a seca de 1949.

"No quadro que aparece na página seguinte, apresentam-se duas cifras de produção, uma a seguir a outra, para cada Estado e no mesmo ano de safra. Essas cifras representam o meu ponto de vista sôbre a produção provável de 1953 a 1955, inclusive. A cifra na primeira coluna (a da esquerda) para cada Estado e em cada ano, representa o volume provável da safra para embarque aos portos, admitindo que a colheita anterior foi boa. A cifra da segunda coluna, baseia-se na suposição de que a colheita precedente foi inferior a uma safra normal. Ao fazer-se tais estimativas, partimos do princípio de que o tempo foi normal para a cafeicultura. Ùnicamente no caso de mau tempo poderia suceder que em um dêsses anos a colheita total do país fôsse tão pequena como o total das cifras menores do quadro em questão, ou tão grande como o total das cifras maiores.

"Desde 1945 a região oriental do centro (Leste de Minas, Espírito Santo e Rio) tem mostrado tendências a produzir grandes safras nos anos em que a produção paulista tem sido baixa. Muito embora São Paulo conte com as zonas produtoras mais importantes, as flutuações de ano para ano têm sido menos violentas, de maneira que os dois ciclos têm mostrado tendências a eliminar-se mutuamente. Deve-se realçar o fato de que as predições para o Paraná baseiam-se na suposição de que não houve geadas fortes alí. Uma geada como a que teve lugar em 1942, poderia fàcilmente reduzir a produção nesse Estado durante vários anos sucessivos para uma quantidade inferior a um milhão de sacas.

PROGNÓSTICO DAS SAFRAS DE 1953 A 1955

Estado	**Ano**	**Sacas de 60 quilos**	
São Paulo	1953	7.000.000	10.500.000
	1954	7.000.000	10.500.000
	1955	7.000.000	10.500.000
Paraná	1953	3.200.000	4.300.000
	1954	3.500.000	4.600.000
	1955	3.800.000	5.000.000
Minas Gerais	1953	2.300.000	3.000.000
	1954	2.300.000	3.000.000
	1955	2.300.000	3.000.000
Espírito Santo	1953	1.700.000	3.000.000
	1954	1.800.000	3.200.000
	1955	2.000.000	3.500.000
Rio de Janeiro	1953	200.000	400.000
	1954	150.000	350.000
	1955	100.000	300.000
Goiás	1953	100.000	225.000
	1954	150.000	275.000
	1955	225.000	350.000

"Há escassas provas, no passado, de flutuações cíclicas na produção do nordeste brasileiro e parece razoável esperar-se um total de 250.000 sacas por ano nessa região e nos demais Estados de pequena produção. Notar-se-á que as diferenças proporcionais estimadas entre boas e más colheitas são maiores nuns Estados do que noutros. Espera-se que sejam menores em Paraná do que em São Paulo, devido à enorme quantidade de arbustos novos naquele primeiro Estado. A natureza cíclica das safras de café é menos pronunciada nas regiões nas quais predominam árvores novas. A aparente flutuação que se observa nas cifras do Estado do Rio, deve-se grandemente ao fato de que uma quantidade considerável e quase constante de café Rio não é encaminhada aos portos mas fica no interior para o consumo local.

"Sob condições climatológicas normais, não parece possível que a safra total brasileira para embarque aos portos baixe para menos de 17 milhões de sacas em qualquer dos anos compreendidos de 1953 a 1955. Aliás, durante esse período é possível que a safra anual atinja, uma vez ou mais, 20.000.000 de sacas".

N.º 720 — **CARTA SEMANAL DO MERCADO** — **13 de Abril de 1951**

SITUAÇÃO GERAL: A imprensa da manhã anunciou que foi finalmente adotado o plano de contrôle sôbre as matérias primas, o qual deverá entrar em vigor no 1.º de julho próximo. Essa notícia vem, assim, provar a firme intenção do Govêrno de acelerar o atual programa de defesa e significa que, a partir daquela data, vae ser reduzida de uma forma sensível a produção de muitos artigos para consumo civil.

Um dos efeitos imediatos daquele plano de contrôle será, pois, o desaparecimento eventual da presente congestão nos inventários de artigos para consumo civil. Mas até que esse plano entre em vigor, é possível que ocorra um certo movimento de liquidação por parte dos comerciantes cujo capital encontra-se excessivamente comprometido em inventários. Em tais casos, os comerciantes teriam que vender a mercadoria a preços provàvelmente mais baixos dos que vigoram hoje com o fim de poderem satisfazer seus compromissos bancários. Como é natural, uma tal situação não seria mais que um fenômeno passageiro sem que necessàriamente implique qualquer alteração nas boas perspectivas econômicas do país.

Se é certo que o plano de contrôle sôbre as matérias primas significa uma redução na produção de artigos para consumo civil e consequentemente uma diminuição no número de trabalhadores ocupados, também é verdade que a expansão das atividades para o programa de defesa não só deverá absorver todos os operários provisòriamente desempregados como também criará novos empregos, aumentando, assim, o total dos operários ocupados o qual atinge, agora, sessenta milhões — o nível mais alto na história. Em termos econômicos, isso quer dizer que a população do país vae dispor de uma renda mais alta e, por consequência, de maior poder aquisitivo em face de uma gradual redução dos artigos que desejaria comprar.

Resumindo, poder-se-ia dizer que a corrente inflacionista vae ser mais forte no segundo trimestre e que por conseguinte o Escritório de Estabilização de Preços vae ter que enfrentar um problema muito sério e de difícil solução, à vista de que o seu objetivo principal é exatamente o de manter nivelado o custo da vida.

MERCADO DE CAFÉ: Durante a semana aumentou, neste mercado, a atividade a qual se bem que limitada serviu, contudo, para melhorar até certo ponto o ambiente. Não resta dúvida que as enormes importações durante o primeiro trimestre do ano contribuiram para melhorar sensìvelmente a situação dos suprimentos, mas também é certo que as importações de Abril, e possìvelmente as de Maio, vão explicar a diminuição nas atividades de compra dos importadores.

Com efeito, os dados relativos ao café brasileiro "sôbre água" com destino a êste mercado, que durante muito tempo andou ao redor de um milhão de sacas, desceu, durante os últimos dias, para cêrca de quinhentas mil sacas. Consequentemente, não seria de estranhar que a data para a intensificação das atividades de compra do comércio torrador estivesse relativamente próxima.

As operações na Bolsa de Café e Açúcar desta cidade acusaram maior volume, prosseguindo o movimento iniciado na semana passada. Essa expansão no volume foi acompanhada de tom melhor nos preços, os quais no fim da sessão de ontem registravam ganhos de 67 a 128 pontos em comparação com os níveis de quinta-feira da semana passada.

A posição aberta, contudo, não mostra alteração de consequência e, para esta manhã era de 2.230 lotes em comparação com 2.247 lotes na sexta-feira da semana passada.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: Os preços no mercado físico do produto também adquiriram firmeza durante a semana, muito embora tal firmeza não fôsse tão acentuada como no têrmo. Relativamente aos cafés brasileiros, embora haja notícias sôbre o fato de que um ou outro lote dêsses cafés tivesse sido vendido a 52 c/ F.O.B. (para o tipo Santos 4) a verdade é que a maior parte das ofertas revela níveis mais altos ao redor de 52,50 c/. No que respeita aos cafés colombianos, nota-se igualmente maior firmeza, sendo os cafés para entrega imediata cotados de 59 c/ para cima.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Estados Unidos	Dados Semanais Destinos Principais Europa	Outros	Total
BRASIL*	7-4-1951	199.000	60.000	4.000	263.000
	31-3-1951	265.000	213.000	16.000	494.000
	8-4-1950	97.000	4.000	3.000	104.000
COLÔMBIA**	7-4-1951	27.385	4.150	585	32.120
	31-3-1951	31.259	569	1.836	33.664
	8-4-1950	46.351	568	1.747	48.666
	Dados Mensais				
BRASIL*	Março, 1951(***)	934.000	455.000	58.000	1.447.000
	Fevereiro, 1951	1.304.000	344.000	39.000	1.687.000
	Março, 1950	727.000	473.000	86.000	1.286.000
COLÔMBIA**	Março, 1951	242.278	12.112	9.955	264.345
	Fevereiro, 1951	372.593	12.474	12.609	397.676
	Março, 1950	218.931	8.444	5.891	233.266

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas terminadas em: 7-4-1951	31-3-1951	8-4-1950
BRASIL*	Santos	1.673.000	1.685.000	1.739.000
	Rio	587.000	621.000	630.000
	Vitória	49.000	48.000	93.000
	Paranaguá	630.000	636.000	174.000
	Pernambuco	29.000	19.000	25.000
	Bahia	21.000	20.000	30.000
	Angra dos Reis	29.000	40.000	25.000
	TOTAL	**3.018.000**	**3.069.000**	**2.716.000**
COLÔMBIA**	Barranquilla	169.214	164.508	206.712
	Cartagena	82.066	82.789	99.823
	Buenaventura	61.583	44.090	125.194
	Cucuta	82.740	84.169	62.958
	TOTAL	**395.603**	**375.556**	**494.687**

(*) Dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.
(**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.
(***) Dados preliminares sujeitos a retificação.

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK:*

Países de Origem (sacas de pesos diferentes)

Semana de:	Brasil	Colômbia	Outros	Total
7-4-1951	126.672	98.220	87.173	312.065
31-3-1951	115.105	108.734	87.910	311.749
8-4-1950	142.446	209.055	115.839	467.340

N.º 13 • O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA 13 de Abril de 1951

PAÍSES PRODUTORES

Colômbia: A revista "Foreign Crops and Markets", de 2 do corrente, publicou o seguinte artigo sôbre as exportações de café colombiano em 1950 e a safra 1950/51 naquele país: "As exportações de café em 1950 baixaram cêrca de 17% em comparação com as exportações de 1949 mas, devido aos preços mais altos, o valor do café exportado em 1950 atingiu o seu ponto mais alto, na história daquele país. Por outro lado, e segundo informa H. B. Pangburn, da Embaixada dos Estados Unidos em Bogotá, a safra 1950/51 é agora estimada em 5% abaixo da produção de 1949/50.

"Em 1950 a Colômbia exportou um total de 4.472.000 sacas, no valor de .... $307,351,000 comparado com 5.510.000 sacas exportadas em 1949, no valor de .... $242,276,000; 5.562.000 sacas exportadas em 1948, no valor de $225,211,000 e com a média anual de antes da guerra (1935/39) de 3.965.000 sacas, no valor aproximado de $51,000,000.

"Cêrca de 91% das 4.052.000 sacas exportadas durante 1950, destinou-se aos Estados Unidos. A Alemanha ocupou o segundo lugar com 147.000 sacas, seguindo-se o Canadá com 119.000 sacas. Em 1949 o Canadá foi o segundo mercado mais importante para o café colombiano, havendo importado 199.000 sacas, ao passo que a Alemanha, nesse ano, importou apenas 49.000 sacas. Embora as exportações de café colombiano para a Alemanha tivessem atingido em 1950 o seu volume mais alto do após-guerra, essas exportações foram ainda muito inferiores à média anual de antes da guerra de 589.000 sacas. Suécia, Bélgica, Holanda e Suiça foram também importantes mercados para o café colombiano em 1950.

"A safra 1950/51 é agora estimada em cêrca de 5.540.000 sacas. Essa cifra proporcionaria cêrca de 540.000 sacas para o consumo doméstico e 5.000.000 de sacas para exportação. A colheita do fim de ano já terminou e é calculada em 2.500.000 sacas exportáveis, ou seja cêrca de 20% abaixo do normal. A qualidade do café dessa colheita é inferior à normal devido às chuvas excessivas durante o período de desenvolvimento das cerejas. A colheita do meio-do-ano, a começar em Abril e a terminar em Junho dêscte ano, é estimada em cêrca de 2.500.000 sacas exportáveis, isto é, um pouco mais que o normal. A produção exportável de 1948/49 subiu a 5.600.000 sacas e consistiu de 3.200.000 sacas da colheita de fim de ano e 2.400.000 sacas da colheita do meio de ano. Em 1949/50 o tempo desfavorável reduziu a produção exportável para cêrca de 5.250.000 sacas, das quais 3.250.000 foram da colheita do fim de ano e 2.000.000 da colheita do meio do ano".

Costa Rica: Da revista "Foreign Crops and Markets" transcreve-se o seguinte sôbre a situação cafeeira naquele país: "A 15 de Março último já tinham sido colhidas 361.402 "fanegas" de café da safra 1950/51. Julga-se que depois de rece-

bidos todos os relatórios sôbre a safra em progresso, a colheita deverá atingir um total de 375.000 "fanegas", o que equivale a 316.250 sacas de 60 quilos. Dêsse total, umas 262.487 sacas serão para exportação, ou seja 83% da safra e o resto destina-se ao consumo local. A 15 de Março o total das vendas já registradas subia a 195.352 sacas, o que significa que restavam ainda por vender umas 67.135 sacas.

"Desde 26 de Fevereiro que a estrada de ferro de San José a Puerto Limón está interrompida devido aos estragos causados pelas chuvas torrenciais. Segundo a opinião dos diretores da referida empresa, o tráfico naquela estrada só poderá recomeçar para a segunda semana de Maio, se o tempo continuar bom para que se proceda aos trabalhos de limpesa das vias atualmente em curso. Devido à situação naquela estrada de ferro, o café destinado aos portos estrangeiros teve que ser embarcado em Puntarenas, na Costa do Pacífico."

ESTADOS UNIDOS

A popularidade do Café no Exército: Do boletim sôbre o café que pública a firma local George Gordon Paton & Co., reproduzimos a seguinte notícia: "Já não causa surprêsa saber que ao café cabe o primeiro lugar entre as bebidas quentes populares no Exército dos Estados Unidos. Recentemente o Exército decidiu realizar um estudo sôbre as preferências dos soldados relativamente às bebidas mais correntes. No decorrer dêsses estudos ou inquérito, serviu-se aos soldados bebidas diferentes à hora das refeições para determinar qual era a mais favorecida. Depois de várias centenas de provas, ficou averiguado que o café, o chocolate e o chá são, na ordem indicada, as bebidas mais populares entre os soldados. Contudo, a diferença que existe entre a popularidade do café e a das outras bebidas é enorme. A popularidade do café em relação ao chocolate é de 17,3 para 1 a favor do café o qual ganha, também, ao chá na proporção de 53 para 1. Esses estudos realizados pelo Exército, revestem-se de grande importância, de vez que êles vão servir de base para determinar as bebidas que deverão ser incluídas nos menus do Exército e a frequência com que aparecerão em tais menus".

CAFÉS COLONIAIS

Congo Belga e Ruanda-Urandi: As exportações de café do Congo Belga e Ruanda-Urandi subiram a 553.767 sacas em 1950, comparado com as exportações de 523.900 sacas em 1949, segundo informa a revista "Foreign Crops and Markets". As exportações em 1950 consistiram de 323.300 sacas de Robustas e 47.300 sacas de Arabica do Congo Belga e 183.767 sacas de Arabica de Ruanda-Urandi. O café da safra 1950 foi exportado para os seguintes países, na seguinte ordem de importância: Bélgica-Luxemburgo, Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha, Sudão Anglo-Egípcio, Finlândia, Holanda, África do Sul, Kenya e Uganda, Itália, Austrália, França, Suécia, Suiça.

EUROPA

Importações na Dinamarca: Êste país importou durante 1950 um total de 264.593 sacas de café cru, ou seja, uma quantidade mais ou menos igual à impor-

tância no ano anterior (269.218 sacas). A seguir apresenta-se um quadro comparativo dessas importações, distribuídas por países de origem:

País de origem	1950	1949	1948
Brasil	260.008	267.930	203.227
África Ocidental Inglesa	3.494	—	12
África Oriental Inglesa	763	—	—
Estados Unidos	181	—	2
Inglaterra	70	347	-
Indonésia	50	-	1.680
África Ocidental francesa	25	—	—
Maláia Inglesa	3	—	—
Holanda	—	883	—
Colômbia	—	58	—
Alemanha	—	—	28
Total	264.593	269.218	204.949

O Café na Alemanha: Segundo notícias de Hamburgo publicadas aqui, o café constituiu uma fonte importante de receita na Alemanha Ocidental durante o ano passado. Segundo essas notícias, o café importado alí rendeu 329.000.000 de marcos em impostos durante 1950. As compras de café sôbre as quais incidiu o impôsto foram de 26.600 toneladas, no valor de $31.300.000. O impôsto em 1949 foi de 274.500.000 de marcos. Diz-se que devido aos altos impostos, as importações de café foram consideravelmente maiores do que os documentos da alfândega mostram, sôbre os quais os impostos são pagos. Alguns observadores dizem que o volume do café que entra na Alemanha por meio de contrabando é tão alto como as importações legais pelos portos de Hamburgo e Bremen. Bélgica e Suiça são os principais países que participam no contrabando de café para a Alemanha Ocidental. A zona oriental da Alemanha também serviu de ponto de passagem para o contrabando para a zona ocidental.

Os importadores e comerciantes em Hamburgo e Bremen têm pedido repetidas vezes para uma redução drástica nos impostos sôbre o café, alegando que tal medida não só acabaria com o contrabando mas deveria contribuir para melhorar o intercâmbio comercial da Alemanha Ocidental com os países da América Central e do Sul. Êles afirmam que se todo o café consumido na Alemanha Ocidental fôsse importado diretamente daqueles países a Alemanha Ocidental estaria numa melhor posição de exportar mais artigos para América Latina à vista de suas compras de café mais altas, feitas diretamente alí.

N.º 721 — CARTA SEMANAL DO MERCADO — 20 de Abril de 1950

SITUAÇÃO GERAL: Os acontecimentos relacionados com o regresso do General MacArthur aos Estados Unidos tanto ocuparam a atenção do país que a vida comercial quase que paralizou durante os últimos dois dias.

Os relatórios sôbre as operações da indústria e comércio no primeiro trimestre do ano, que commeçaram a ser divulgados nos últimos dias, mostram, como aliás era de esperar-se, que os lucros das companhias continuam a altos níveis e esse fato contribuiu, em parte, para o melhor tom do mercado de vadores, o qual já

recuperou as perdas sofridas durante o mês passado. Por outro lado, e no que respeita aos produtos naturais, particularmente aqueles mais afetados pelas nuances na situação política internacional ou aqueles que, pela sua natureza, são de importância primordial no programa de rearmamento dos Estados Unidos, tais como a borracha, o estanho, lã e os produtos agrícolas, continuam mostrando certa debilidade provocada, principalmente, pela crescente evidência de que o seu respetivo suprimento não vae ser tão apertado como a princípio se esperava.

Essa relativa debilidade, contudo, deve ser interpretada apenas como um reajustamento nos preços para níveis mais em harmonia com as perspetivas do suprimento daqueles produtos. E o reajustamento em questão foi devido, por sua parte, àgradual eliminação de fatores especulativos aos quais faltam já as bases para a continuação de uma atitude altista a seu respeito.

Entrementes, as perspectivas econômicas continuam sendo de firmeza para os preços e de grande atividade, perspectivas essas que só poderiam ser perturbadas sèriamente por uma súbita alteração na situação internacional.

REUNIÃO DO CONSELHO DIRETOR DO BUREAU PAN-AMERICANO DO CAFÉ: Nos primeiros dias da semana teve lugar a Reunião Anual Ordinária do Conselho Diretor do Bureau Pan-Americano do Café, e uma vez mais foi possível observar a existência de um perfeito espírito de cooperação entre os países associados nesta organização. No decurso dessa reunião foi aprovado um orçamento, no total de dois milhões de dólares, para a campanha de propaganda durante o ano fiscal que começa a 1.º de Maio próximo, ficando, assim, o Bureau dotado com novos fundos para que possa continuar em seus esforços no sentido de incrementar o consumo de café nos Estados Unidos.

MERCADO DE CAFÉ: A atividade durante a semana em revista foi muito limitada e numa escala ligeiramente inferior à atividade da semana passada. O comércio varejista continua usando os suprimentos acumulados durante o primeiro trimestre do ano, mas começam a aparecer sinais de que as importações durante o corrente mês vão ser suficientemente baixas para que provoquem uma sensível redução naqueles inventários.

Isso é revelado no fato de que as importações durante o período de quatro semanas que terminou a 14 do corrente, são calculadas em 1.100.00 sacas unicamente, ao passo que no mesmo período de quatro semanas anteriores, tais importações foram de uns 2.000.000 de sacas. Tudo indica, pois, que os importadores não podem tardar muito em recomeçar as suas atividades de compra.

O termo local registrou uma redução de cem lotes no seu volume de operações ao passo que os preços alí têm oscilado dentro de margens bastante limitadas mostrando ligeira debilidade. Esse fenômeno, à falta de outros fatores, poder-se-ia atribuir à influência exercida sôbre aquele mercado pelas tendências dos outros produtos naturais às quais nos referimos acima. A posição aberta expandiu-se ligeiramente, sendo esta manhã de 2.261 lotes em comparação com 2.230 lotes na sexta-feira da semana passada.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: De uma maneira geral, poder-se-ia dizer que não houve alterações de consequência nos níveis dos preços, os quais mantêm-se mais ou menos nos limites aqui mencionadas na semana passada. Os países produtores continuam mostrando a mesma falta de pressão em suas ofertas, fato que serve, naturalmente, para manter salutar estabilidade nos preços do mercado em face da escassa procura por parte dos importadores.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Estados Unidos	Dados Semanais Destinos principais Europa	Outros	Total
BRASIL*	14-4-1951	98.000	106.000	33.000	237.000
	7-4-1951	199.000	60.000	4.000	263.000
	15-4-1950	174.000	31.000	11.000	216.000
COLÔMBIA**	14-4-1951	56.180	12.903	496	69.552
	7-4-1951	27.385	4.150	585	32.120
	15-4-1950	41.579	——	1.197	42.776

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas findas em: 14-4-1951	7-4-1951	15-4-1950
BRASIL*	Santos	1.668.000	1.673.000	1.690.000
	Rio	601.000	587.000	637.000
	Vitória	50.000	49.000	94.000
	Paranaguá	618.000	630.000	174.000
	Pernambuco	29.000	29.000	24.000
	Bahia	23.000	21.000	31.000
	Angra dos Reis	31.000	29.000	12.000
	TOTAL	**3.020.000**	**3.018.000**	**2.662.000**
COLÔMBIA**	Barranquilla	164.550	169.214	219.535
	Cartagena	69.168	82.066	106.741
	Buenaventura	63.339	61.583	115.073
	Cucuta	82.051	82.740	68.407
	TOTAL	**379.108**	**395.603**	**509.756**

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK*

Países de origem (sacas de pesos diferentes)

Semana de:	Brasil	Colômbia	Outros	Total
14-4-1951	132.975	101.594	92.092	326.661
7-4-1951	126.672	98.220	87.173	312.065
15-4-1950	131.711	204.209	111.165	447.085

ESTOQUES NO INTERIOR DE SÃO PAULO: ***

Safra	Março de 1950	Fev. de 1951	Março de 1950
1949/50	——	——	4.859.000
1950/51	4.100.000	4.489.000	——
	4.100.000	**4.489.000**	**4.859.000**

Remessas por estrada de ferro durante Junho de 1950 a 31 de Março de 1951; para:

Santos	7.087.000
Rio	907.000
Angra dos Reis	5.000
Outros (%)	1.053.000
TOTAL	9.052.000

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

PAÍSES PRODUTORES

Guatemala: Da revista local "Tea and Coffee Trade Jaurnal", edição de Abril corrente, reproduzimos o seguinte artigo acêrca da situação do café naquele país: "A arrecadação da safra 1950/51 está gradualmente chegando ao seu fim e, segundo já tivemos ocasião de informar, o seu rendimento vae ser um pouco inferior ao de uma safra normal. Segundo estimativas preliminares, esperava-se uma colheita não superior a 600.000 sacas de 69 quilos. Deve-se observar, contudo, que para 13 de Março já tinham sido registradas na Oficina Central del Café vendas no volume de 528.284 sacas, havendo, aliás, indicações de que os lavradores dispõem ainda de uns 25.000 sacas. Por outro lado, dos cafés em poder e sob o contrôle do Govêrno por intermédio de Fazenda Nacional, foram unicamente vendidas em leilão 10.132 sacas. A safra total de Fazendas Nacionais é calculada em umas 125.000 sacas. Dessa forma, portanto, a safra total para 1950/51 será de umas 700.000 sacas de 69 quilos.

"A florada foi abundante na maioria das regiões produtoras e embora tenha faltado chuva em algumas zonas, a opinião geral é de que a próxima safra será favorável. As árvores que sofreram prejuizos durante as chuvas e vendaveis do outono de 1949, já tiveram tempo de recuperar dêsses prejuizos e parece que os cafezais encontram-se atualmente em melhores condições do que na mesma época do ano passado".

Equador: Segundo a revista Tea and Coffee Trade Journal", o Equador exportou em 1950 quase o dôbro do café exportado no ano anterior. As exporta-

(*) Dados da Bolsa de Café e Açucar de Nova York.
(**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.
(***) Inclue os Estados de Paraná, Minas Gerais, Mato Grosso e Goias.

ções de 1950 atingiram o volume de 335.049 sacas de 60 quilos ao passo que as exportações em 1949 foram apenas de 175.422 sacas, o que representa um aumento de 90% para 1950. A quantidade do café de Equador exportado para os Estados Unidos foi, em 1950, no total de 190.076 sacas comparado com 78.701 sacas em 1949. Isso representa um aumento de 141% nas exportações de café equadoriano durante o ano passado, de acôrdo com os dados da revista acima mencionada.

Ainda a respeito do Equador, um despacho de Guayaquil publicado na imprensa local a 17 do corrente, dizia em parte o seguinte: "Embora o ano agrícola é de Julho a Junho, os remanescentes de ano para ano geralmente nunca excedem a quantidade de café necessário para o consumo doméstico. À vista da safra abundante de 1950/51 e os altos preços em vigor, os lavradores só vendem seus cafés à medida que necessitam dinheiro. O resultado de tudo isso, é que o café continua a ser vendido unicamente para consumo doméstico. Calcula-se que o café exportado durante o primeiro trimestre do ano corrente rendeu uns cinco milhões de dólares. Muito embora a próxima safra seja estimada em cêrca de 40% inferior à do ano passado, há porém indícios de que ela renderá uns 14 milhões de dólares. O mercado local está muito firme em face da constante procura por parte dos exportadores com contratos de venda para a França."

O CAFÉ NA AFRICA: Do boletim da firma Edm.Schluter & Co., Ltd., de Londres, transcrevemos os interessantes comentários sôbre a cafeicultura naquele continente: "Quase desconhecido em 1900 o café africano rendia em 1930 cêrca de 2 milhões de libras esterlinas mas êste ano deverá render 100 milhões de libras esterlinas. Em Novembro do ano passado teve lugar em Nairobi a primeira sessão do Conselho Cientifico para a África do Sul e Sahara. Estiveram presentes nessa reunião Delegados representando todos os territórios para considerar propostas para colaborar científica. Como resultado dessa reunião, deve-se esperar maior cooperação entre os vários territórios sôbre assuntos tão vitais como o da conservação de água e erosão do solo, os quais afetam a situáção das plantações. Os dados sôbre a exportação mostram que a Europa é ainda o principal consumidor de café africano, seguida pela America.

"As estimativas atuais sôbre a produção em Kenya andam ao redor de 8.500 a 9.50 toneladas. Embora a superfície sob cultura tenha declinado 50%, talvez seja possível uma produção alí de umas 14.000 toneladas, sob condições climatológicas favoráveis, cifra que deverá ser comparada com 17.000 toneladas antes da guerra. Essa situação reflete não só uma redução nas terras pouco econômicas mas também melhoramentos nos métodos de cultura.

"A safra 1949/50 em Uganda foi substancialmente a mesma que em 1948/49, ao redor de 28.800 toneladas. Mas a presente safra deverá render o dôbro devido a melhores métodos de cultura. Durante o ano agrícola aumentou o uso dos métodos de conservação do solo e de sombreamento das árvores. Outrossim, os lavradores de Uganda tiveram mais sorte que os lavradores no Congo e Angola onde a broca tem causado muitos prejuizos. Porém, os métodos de beneficio nessas duas regiões continuam superiores aqueles empregados em Uganda.

"Quando a produção de café Robusta na África atingir, nos próximos anos, o nível de 8 milhões de sacas, unicamente os lavradores que produzirem as melhores qualidades poderão vender seus cafés com vantagem e tais lavradores jamais lamentarão as despesas agora feitas para melhorar os métodos de cultura.

"A safra de Bukoba, que era antes da guerra maior que a de Uganda, é, agora menor. As margens do Lago Victoria, onde a Bukoba é cultivada, são as melhores regiões para a cultura de café na África. As novas terras em Uganda, porém, parecem estar sob desenvolvimento mais ativo e por esse motivo uma safra de 50.000 toneladas talvez seja possível nessa região durante os próximos cinco anos.

"A rehabilitação das plantações na África Ocidental Francesa e em Madagascar foi levado a efeito com fundos provenientes da França. Na Costa do Marfim as plantações sofrem de muitas doenças, ao passo que em Madagascar, tal como em Angola, há falta de mão de obra. A produção nessas regiões é de mais de 99% Robusta. Com a excepção de Togolandia, a safra corrente é estimada como sendo maior que a do ano passado. A safra 1949/50 foi de 1.200.000 sacas de 60 quilos na África Ocidental Francesa e de 375.000 sacas em Madagascar, ou seja o total de 1.575.000 sacas. A safra 1950/51 é estimada em 1.400.000 sacas na África Ocidental Francesa e 425.000 sacas em Madagascar, ou seja um total de 1.825.000 sacas.

"A safra corrente em Ruanda-Urundi é estimada em cêrca de 10.000 toneladas. As plantações europeias no norte não ganharam em produção e as terras sob cultura foram reduzidas em proporção com o aumento na produção de quinino. óleos, chá, etc.

"A safra angolana de 1949 excedeu as estimativas, havendo rendido 46.379 toneladas. A safra corrente é calculada entre 55.000 e 60.000 toneladas, das quais 4.000 serão consumidas na colónia. As chuvas foram adequadas e a qualidade é melhor que a usual. Nalgumas regiões a principal dificuldade dos lavradores é a broca, a qual obrigou a calheita à mão em grande escala. Essa circunstâncias, por sua vez, trouxe dificuldades de mão de obra. Mas não resta dúvida que os altos preços do café permitirão aos lavradores tomar as necessárias medidas de combate à broca tal como sucedeu no Brasil.

"As exportações de café em 1930 foram de 1.196.096 sacas, representando 4,6% das exportações mundiais. Em 1940 essa exportação havia subido para 2.118.384 sacas, ou seja 8,9% das exportações mundiais, ao passo que em 1950 a exportação de café africano havia atingido a cifra "record" de 4.580.833 sacas, ou seja 14,1% das exportações mundiais".

A ÍNDIA E A PROPAGANDA CONJUNTA DO CHÁ: Da revista "Tea and Coffee Trade Journal" transcrevemos a seguinte nota editorial sôbre aquele assunto: "Não seria muito vantajoso para a indústria de chá em conjunto se certos elementos nacionalistas conseguissem convencer a Índia a fazer propaganda de seu chá exclusivamente em vez de seguir o sistema atual de propaganda conjunta daquele produto, sem distinção de origem. O nosso correspondente em Bombaim informa que um Comitê sugeriu que talvez fôsse mais vantajoso empregar o fundo de $1,000,000 que agora contribue para o International TeaMarket Expansion Board na propaganda direta do chá da Índia e tratar de estabelecer contatos diretos com os Estados Unidos e outros países consumidores... A propaganda exclusiva do chá da Índia necessitaria uma verba muito maior e significaria o retorno ao principio. Aliás mediante a atual campanha conjunta a Índia conseguiu vender em 1950 mais de 41.000.000 de lbs. de chá. A idéia já tinha sido tentada com o café e não deu resultado. O consumidor americano está acostumado aos "blends" (misturas) que o comércio desde há muito tempo lhe oferece".

N.º 722 **CARTA SEMANAL DO MERCADO** 27 de Abril de 1951

SITUAÇÃO GERAL: A mensagem que o Presidente Truman enviou ao Congresso ontem pela tarde, pedindo uma extensão por dois anos da Lei de Produção para a Defesa e bem assim a ampliação de suas medidas, revela o forte receio das autoridades relativamente à possibilidade de uma eventual onda inflacionista de maiores proporções quando comece a fazer sentir, no Outono e Inverno próximos, os efeitos do programa de mobilização na economia nacional.

O Presidente, em sua mensagem de ontem, realçou o fato de que a ligeira debilidade dos preços é um fenomeno puramente passageiro mas que a sua presença constitue um acontecimento alvissareiro de vez que êle oferece ao Congresso a oportunidade para preparar e adotar um sistema de controles realmente eficazes O Presidente revelou que já foram colocadas ordens militares num total de vinte-seis milhões de dólares, esperando-se que para Junho de 1952 esse total seja aumentado para oitenta e quatro mil milhões de dólares. Isso significa, pois, como o disse o Presidente naquela mensagem, que a produção de artigos para consumo civil terá forçosamente que ser reduzida para níveis inferiores à procura. À vista disso, e como resultado do alto poder de compra da população derivado da grande atividade com o programa de mobilização, a ameaça inflacionista apresenta-se como um os problemas mais sérios que o Govêrno confronta.

Segundo a imprensa desta manhã, é possível que surja grande controvérsia no Congresso relativamente a algumas medidas que o Presidente pediu, particularmente aquelas que têm por fim controlar os preços dos produtos agrícolas domésticos, até agora isentos de contrôles devido à Lei de Paridade. Outrossim, as medidas tendentes a controlar os salários dos trabalhadores industriais e as bolsas de produtos naturais também deverão provocar alí sérias discussões. E o mesmo poder-se-ia dizer em relação com a proposta de subsídios para permitir a contínua produção de produtos considerados essenciais, cujo custo coloque seus preços acima dos níveis máximos permissíveis.

Relativamente a essa última medida, alguns Senadores que são membros do Comitê encarregado de estudar a legislação proposta pelo Presidente, já experimiram a opinião de que a medida em questão é demasiado geral e que êles necessitam informações mais específicas sôbre o assunto.

Apoiando a mensagem do Presidente Truman, o Sr. Charles E. Wilson, Diretor do Programa de Mobilização para a Defesa, declarou ontem perante uma reunião dos editores de jornais que se era certo que a indústria nacional podia conseguir os objetivos de produção dela exigidos, também era verdade que o programa de defesa bem poderia malograr-se no caso de vir a ter realidade o perigo inflacionnista que agora se entrevia. Por consequência e à vista da atitude das autoridades a tal respeito, é inevitável a adoção de medidas de contrôle sôbre a economia que vão afetar, de maneira significativa, a marcha dos negôcios. Mas à vista da atitude que já começaram a mostrar certos sectores interessados, também é provável que decôrra algum tempo antes que se conheça a forma definitiva que tais medidas vão tomar.

MERCADO DE CAFÉ: Não se pode dizer que tenha influído de maneira muito pronunciada a esperada ordem do Escritório de Preços regulando os preços máximos gerais dos fabricantes, regulamento êsse que, no que diz respeito aos importadores de café congela o lucro que êles auferem com uma libra do produto

no limite que obtinham durante o período trimestral de sua seleção entre as datas de 1.º Outubro de 1949 e 24 de Junho de 1950. Contudo, a nova disposição permite aos torradores elevar o preço de suas marcas aos atacadistas e varejistas na quantidade exata em que tenham subido seus custos de produção para além dos vigoravam durante o período básico selecionado.

Predomina a impressão de que os preços do café no varejo não vão registrar qualquer aumento, à vista de que a margem de lucro dos varejistas é suficientemente ampla para que possa absorver qualquer majoramento por parte dos torradores. Por outro lado, a situação de concorrência no que respeita ao café é tal que há a opinião de que o preço do produto no varejo não seja mantido ao nível mais alto que permite o Escritório de Estabilização de Preços.

O termo local registrou um aumento sensível no volume de operações acompanhado de pequenos ganhos nas cotações em comparação com os níveis da semana passada. Nas sessões de segunda-feira desta semana e sexta-feira da semana passada a Bolsa fechou com baixas sensíveis mas a partir de terça-feira começou a registrar ganhos e, para o fim da sessão de ontem, tinha já recuperado todo o terreno perdido. O melhor tom do mercado foi atribuido aos rumores que circulam relativamente à possibilidade do Govêrno estar considerando subsídios para produtos entre os quais figuraria o café.

Contudo, até a hora de escrever esta CARTA nada se sabe a esse respeito e esta manhã descontavam-se tais rumores à vista do fato de que os preços atuais do café encontram-se abaixo dos preços máximos permitidos pela Lei. Espera-se, porém, que para a próxima semana haverá mais informações sôbre o assunto.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: Não houve qualquer alteração no mercado físico do produto para os brasileiros, os quais continuam a ser negociados a 52/c e a preços mais altos para o Santos 4, na base F.O.B. Pelo contrário, notou-se certa debilidade nos colombianos, a qual foi atribuida ao fato de que a safra atual foi maior e já está sendo encaminhada aos portos. Como se poderá observar no quadro de cotações anexo, o interêsse dos torradores está aparentemente nos cafés de menor qualidade e por isso os seus preços adquiriram, agora, ligeira firmeza.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Estados Unidos	Dados Semanais Destinos principais Europa	Outros	Total
BRASIL*	21-4-1951	163.000	35.000	29.000	227.000
	14-4-1951	98.000	106.000	33.000	237.000
	22-4-1950	188.000	11.000	18.000	217.000
COLÔMBIA**	21-4-1951	53.241	6.383	816	60.440
	14-4-1951	56.180	12.903	469	69.552
	22-4-1950	34.375	2.272	7.784	44.431

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas findas em: 21-4-1951	14-4-1951	22-4-1950
BRASIL*	Santos	1.670.000	1.668.000	1.684.000
	Rio	617.000	601.000	630.000
	Vitória	51.000	50.000	80.000
	Paranaguá	638.000	618.000	158.000
	Pernambuco	—	29.000	21.000
	Bahia	23.000	23.000	30.000
	Angras dos Reis	31.000	31.000	11.000
	TOTAL	**3.030.000**	**3.020.000**	**2.614.000**
COLÔMBIA**	Barranquilla	158.318	164.550	207.502
	Cartagena	75.052	69.168	107.963
	Buenaventura	83.273	63.339	125.865
	Cucuta	80.278	82.051	71.142
	TOTAL	**396.921**	**279.108**	**512.472**

ESTOQUE DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK*

Semana de:	Países de origem (sacas de pesos diferentes) Brasil	Colômbia	Outros	Total
21-4-1951	139.857	102.326	84.958	327.141
14-2-1951	132.975	101.594	92.092	326.661
22-4-1950	124.367	198.084	106.932	429.383

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

PAÍSES PRODUTORES

México: Da revista "Foreign Crops and Markets", de 23 do corrente, transcrevemos o seguinte artigo sôbre a safra 1950/51 naquele país e sôbre as exportações de café em 1950: "O total da produção mexicana para o ano agrícola 1950/51 é estimado em cêrca de 1.065.000 sacas, comparado com 950.000 sacas em 1949/50 e 1.100.000 sacas em 1948/49, segundo informa o Sr. S. E. Bakewell da Embaixada dos Estados Unidos em México City. A média anual da produção mexicana antes da guerra (1935-39) era aproximadamente de 959.000 sacas.

"Os altos preços do café contribuiram já para uma redução no consumo mexicano do produto para umas 250.000 sacas anuais. Consequentemente a safra 1950/51 deverá proporcionar cêrca de 815.000 sacas para os mercados de exportação. As exportações de café mexicano em 1950 foram no total de 766.993 sacas no valor de US$38,577,803. Isso representa uma diminuição de 5% no respetivo volume e um aumento de 46% no valor em dólares em comparação com

---

(*) Dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.
(**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.

as exportações "record" de 818.115 sacas em 1949 no valor de $26,475,954. Como produto agrícola de exportação o café ocupa, no México, o segundo lugar em importância imediatamente depois do algodão.

"Cêrca de 96% das exportações de café mexicano foram para os Estados Unidos durante 1950, em comparação com 98% durante 1949 e 99% durante 1948. Durante o período de antes da guerra, a média das exportações para os Estados Unidos era de 62%. As exportações para a Europa em 1950 foram no total de 17.468 sacas, comparadas com 3.689 sacas em 1949 e com a média anual de antes da guerra de 228.747 sacas.

Os bons preços do café têm estimulado as exportações de todo o café lavado além de grandes quantidades de café não-lavado que era normalmente consumido no México. O desejo de exportar por parte do México é ilustrado pelo fato de que durante os primeiros quatro meses do ano de safra 1950/51 (Outubro a Janeiro) foram embarcadas para o exterior 352.902 sacas em comparação com a exportação de 293.438 sacas durante o mesmo período do ano passado".

ESTADOS UNIDOS

Resistência dos Consumidores aos Preços de Apoio do Café": Com êsse título publicou a revista financeira local "Barron's", de 2 do corrente, um artigo que vamos transcrever ùnicamente com o intuito de mostrar aos leitores as inexatidões nele contidas. Deve-se notar, desde já, que são divulgados neste país dados corretos acêrca do café aos quais têm acesso todos os interessados na matéria. Outrossim, uma revista da categoria de "Barron's" teria, ao que parece, a obrigação de procurar obter tais informações antes de se lançar a discutir as complexidade do mercado de café. A-propósito, seria inútil dizer que o Bureau Pan-Americano do Café, quer em sua campanha de propaganda quer por meio de seus serviços de informação nos Estados Unidos, sempre fez todos os esforços no sentido de divulgar os fatos verdadeiros sôbre o produto. Por outro lado, nas publicações oficiais do Govêrno dos Estados Unidos encontram-se informações exatas que poderiam servir de base para artigos sérios sôbre a rubiácea. Por todos êsses motivos é, pois, de lamentar que artigos falsos ou tendenciosos sôbre o café continuem a ser publicados aqui, fato aliás que vem provar, uma vez mais, a necessidade de uma constante campanha educativa como a que o Bureau conduz e bem assim a sua intensificação para que abranja, adequadamente, todos os setores que influenciam a opinião pública neste país. Segue-se o artigo em questão:

"Aimposição de contrôles sôbre os preços do café sacudiu, recentemente, o mercado de café e provocou uma baixa de 200 pontos nas cotações do produto. Essa reação teria sido muito mais severa se não fôra pelo fato dos produtores latino-americanos terem corrido a apoiar o mercado. Tal apoio, embora puramente psicológico em seus efeitos, permitiu no entanto que o café recuperasse as sofridas anteriormente. Os programas de apoio aos preços no Brasil e Colombia, similares aos da "Commodity Credit Corporation" para as safras domésticas, foram suplementados por licenças e contrôles sôbre os estoques nos portos, os quais limitam a quantidade de café que poderá ser exportado. O Govêrno brasileiro fixou o preço de seus cafés exportáveis a 43c/ por lb. e recusa-se a registrar vendas para o exterior a preços inferiores àquele nível.

"A-despeito da contra-ofensiva sul-americana contra os contrôles sôbre os preços nos Estados Unidos, o café não está atualmente ao nível de 55,54c/ por libra, isto é o nível máximo fixado pelo Govêrno dos Estados Unidos, nem ja-

mais chegou àquele nível. O Santos 4 é cotado no mercado físico do produto a 54,75c/, o que representa 75 pontos abaixo do preço máximo. A resistência por parte dos consumidores já contribuiu para reduzir as compras de café pelos atacadistas e varejistas, o que indica que o público americano usará sucedâneos quando os preços do café pareçam exorbitantes. Em 1950, o consumo doméstico caiu cêrca de 10% devido aos altos preços do café. E não há motivo para crer que a contínua resistência não fará diminuir aquele consumo até que os preços baixem.

"Durante o ano passado, o consumo de café nos Estados Unidos foi 13,4 lbs. per capita, ou seja 14% menos que o consumo em 1949 e muitíssimo menos que o consumo "record" per capita em 1946 o qual foi de 16,7 lbs. Essa diminuição no consumo de café per capita é a mais severa na história dos Estados Unidos.

"O mêdo de uma escassez de café em 1950 deu lugar a pânico o qual teve expressão concreta em ondas de compra e açambarcamento do produto. Foi isso que impediu que o consumo baixasse ainda mais. Mas tudo indica que o suprimento mundial para o corrente ano, aproximadamente uns 33 milhões de sacas, é suficiente para satisfazer a possível procura de uns 20.000.000 de sacas nos Estados Unidos e uns 12.000.000 de sacas adicionais por parte dos outros países importadores.

"Se o Brasil e Colômbia continuarem com seus respetivos programas de valorização do café, o efeito mais tarde poderia ser maiores safras do que nunca. Durante a terceira década dêste século, aqueles dois países seguiram o mesmo método para reforçar os preços do café no mercado internacional. Durante a década seguinte, êles encontraram-se com uma carga de excedentes para os quais não puderam encontrar mercados E. os baixos preços que se seguiram, contribuiram, nessa época, para aumentar o consumo de café nos Estados Unidos.

"Quando em 1947 o café subiu bastante após a eliminação dos contrôles sôbre os preços, o Brasil e Colômbia aumentaram suas plantações. E como a árvore leva cinco a seis anos para produzir fruto, é de esperar outra grande safra em 1953, sendo então possível que, uma vez mais, aqueles países peçam o apoio dos Estados Unidos — tal como o fizeram durante a guerra — para se desfazerem de seus excedentes.

"Desde o fim da guerra, porém, outros países intensificaram sua concorrência àquelas duas principais nações produtoras. Espera-se que a África, onde se cultiva um café "suave" de alta qualidade, contribua com o maior aumento na produção mundial para o ano agrícula 1951/52. Outrossim, durante o ano passado alguns países como o México e Guatemala, aumentaram em 19% sua participação nas importações dos Estados Unidos em comparação com 16% em 1949 e 12% nos antes da guerra. Por outro lado, a América do Sul exportou 76% do café consumido nos Estados Unidos em 1950, o que representa uma redução significativa ao comparar-se com a cifra correspondente a 1949, a qual foi de 82% e com a percentagem de antes da guerra, que era de 84%.

"Embora não seja de esperar-se uma baixa substancial nos preços em 1951, os suprimentos mundiais de café deverão manter os preços nos Estados Unidos abaixo dos seus níveis máximos. Até que os presentes preços artificiais baixem, o consumo de café nos Estados Unidos diminuirá à medida que a população se vae acostumando ao chá e ao chocolate ou dispense aquela bebida por completo".

Estatistica

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

Detalhes pelos países de destino

JANEIRO DE 1951

DESTINO	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em Cruzeiros
ÁFRICA:		
ARGÉLIA	**233**	**260 095**
Argel	108	110 470
Oran	125	149 625
MARROCOS FRANCÊS: Casablanca	4 958	5 087 823
AMÉRICA DO NORTE:		
CANADÁ:	**17 249**	**21 269 321**
Montreal	6 100	7 620 159
Toronto	3 350	4 154 522
Vancouver	7 299	8 879 888
Winnipeg	500	614 752
ESTADOS UNIDOS:	**945 188**	**1 129 278 124**
Baltimore	56 085	68 583 092
Boston	27 668	34 191 250
Filadélfia	10 250	12 859 799
Houston	41 422	50 336 575
Jacksonville	20 775	25 978 242
Los Ângeles	20 426	23 583 960
New Orleans	253 069	299 894 849
New York	413 092	488 659 076
Norfolk	10 383	12 432 048
Oakland	1 500	1 854 671
Portland	2 325	2 801 783
San Francisco	66 836	82 359 389
Seattle	20 257	24 554 867
Tacoma	1 000	1 188 523
AMÉRICA DO SUL:		
ARGENTINA:	**11 065**	**12 237 738**
Buenos Aires	9 299	10 437 563
Rosário	1 766	1 800 175
PARAGUAI: Assunção	300	385 622
URUGUAI: Montevidéu	1 151	1 215 326
ÁSIA:		
PILIPINAS: Manilla	5 500	5 862 786
SÍRIA: Beirute	1 333	1 467 351
EUROPA:		
ÁUSTRIA: via Trieste	2 000	1 928 923

PAÍSES DE DESTINO	Portos de Procedência	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
México	Santos	20	23 776
AMÉRICA DO SUL			
Argentina	Santos	49 745	59 813 461
	Rio de Janeiro	307 329	275 466 087
	Vitória	143 621	125 148 144
	Angra dos Reis	1 000	1 155 000
	Paranaguá	2 033	2 512 092
	Recife	500	455 000
	Total	**504 237**	**464 549 784**
Chile	Santos	4	4 000
	Rio de Janeiro	7 369	6 149 030
	Vitória	84 012	70 672 168
	Total	**91 385**	**76 825 198**
Guiana Francêsa	Rio de Janeiro	890	809 964
Paraguai	Rio de Janeiro	2 448	2 536 432
Uruguai	Santos	1 510	1 841 013
	Rio de Janeiro	44 064	41 012 446
	Vitória	8 701	7 302 957
	Total	**54 275**	**50 156 416**
ÁSIA			
Aden	Rio de Janeiro	2 541	2 237 088
Ceilão	Rio de Janeiro	6 696	5 583 535
Chipre	Rio de Janeiro	13 476	11 323 161
Filipinas	Rio de Janeiro	1 056	909 243
	Vitória	13 576	10 882 734
	Total	**14 632**	**11 791 977**
Iraque	Rio de Janeiro	26 938	21 898 256
Japão	Rio de Janeiro	34	24 372
Kuwait	Rio de Janeiro	1 666	1 389 734
Malásia Britânica	Rio de Janeiro	423	355 205
Síria	Rio de Janeiro	27 633	22 086 506
Transjordânia	Rio de Janeiro	5 893	4 608 756
Turquia Asiática	Rio de Janeiro	6 097	4 877 525
EUROPA			
Alemanha	Santos	36 501	45 501 864
	Rio de Janeiro	21 602	21 405 740
	Vitória	225	180 996
	Paranaguá	4 507	5 574 581
	Total	**62 835**	**72 663 181**
Andorra	Rio de Janeiro	67	70 212
Áustria	Santos	500	638 863
	Rio de Janeiro	14 000	12 686 067
	Vitória	1 075	928 833
	Total	**15 575**	**14 253 763**

PAÍSES DE DESTINO	Portos de Procedência	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
Belgo Luxemburguesa U. E.	Santos	166 311	203 711 458
	Rio de Janeiro	206 369	190 170 392
	Vitória	83 629	71 423 134
	Angra dos Reis	804	878 434
	Paranaguá	8 165	10 296 462
	Bahia	20	26 587
	Recife	3 198	3 566 404
	Florianópolis	1 000	1 092 900
	Total	**469 496**	**481 165 771**
Dinamarca	Santos	205 760	212 595 709
	Rio de Janeiro	72 883	70 743 481
	Total	**278 643**	**283 339 190**
Espanha	Santos	1	1 000
	Rio de Janeiro	300	248 674
	Total	**301**	**249 674**
Finlândia	Santos	10	13.288
	Rio de Janeiro	200 177	157 126 574
	Total	**200 187**	**157 139 862**
França	Santos	134 686	155 163 866
	Rio de Janeiro	518 140	476 370 643
	Paranaguá	37 000	43 659 134
	Bahia	625	752 063
	Recife	14 350	15 201 400
	Total	**704 801**	**691 147 106**
Gibraltar	Santos	1 084	1 281 172
	Rio de Janeiro	22 407	15 881 157
	Vitória	5 512	3 953 736
	Total	**29 003**	**21 116 065**
Grã Bretanha	Santos	153 417	171 426 227
	Rio de Janeiro	2 030	1 756 304
	Paranaguá	63 000	79 343 134
	Total	**218 447**	**252 525 665**
Grécia	Rio de Janeiro	50 469	46 876 701
	Paranaguá	6	7 544
	Total	**50.475**	**46 884 245**
Holanda	Santos	124 256	159 891 700
	Rio de Janeiro	207 500	188 867 705
	Vitória	10 833	8 286 169
	Angra dos Reis	579	684 445
	Paranaguá	5 792	7 352 293
	Recife	1 270	1 177 363
	Total	**350 230**	**366 259 675**
Irlanda	Santos	250	279 883
	Vitória	363	301 491
	Total	**613**	**581 374**
Islândia	Rio de Janeiro	7 730	6 938 053

PAÍSES DE DESTINO	Portos de Procedência	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
Itália	Santos	85 059	104 816 400
	Rio de Janeiro	152 180	131 347 233
	Vitória	62 961	51 214 847
	Paranaguá	125	145 900
	Bahia	10 792	8 874 296
	Recife	3 138	2 892 921
	Total	**314 255**	**299 291 597**
Iugoslávia	Rio de Janeiro	6 783	6 187 237
Noruega	Santos	189 979	196 387 028
	Rio de Janeiro	1 550	1 332 000
	Vitória	600	552 600
	Paranaguá	16 000	18 417 000
	Total	**208 129**	**216 688 628**
Polônia	Rio de Janeiro	2 500	2 096 798
Portugal	Santos	1	1 165
	Rio de Janeiro	6 986	5 936 323
	Total	**6 987**	**5 937 488**
Suécia	Santos	479 106	571 545 036
	Rio de Janeiro	86 299	80 420 484
	Vitória	4 205	3 555 966
	Paranaguá	6 732	8 750 675
	Bahia	11 234	12 670 862
	Total	**587 576**	**676 943 023**
Suiça	Santos	81 696	100 485 769
	Rio de Janeiro	42 934	40 744 246
	Vitória	1 275	1 169 855
	Paranaguá	10 928	12 430 987
	Bahia	6 906	6 360 136
	Recife	4 268	3 809 041
	Total	**148 007**	**165 000 034**
Tchecoslováquia	Santos	20 300	22 830 915
	Rio de Janeiro	12 209	13 559 734
	Total	**32 509**	**36 390 649**
TRIESTE			
Trieste	Santos	5 909	7 617 675
	Rio de Janeiro	77 684	61 483 500
	Vitória	10 500	7 959 696
	Recife	825	793 615
	Total	**94 918**	**77 854 486**
Turquia Européia	Rio de Janeiro	45 830	41 284 021
OCEÂNIA			
Austrália	Santos	243	250 146
	Rio de Janeiro	2 357	1 815 972
	Vitória	759	573 386
	Total	**3 359**	**2 639 504**
Nova Zelândia	Rio de Janeiro	67	76 945
TOTAL GERAL		**14 834 900**	**15 907 584 187**

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

Detalhes pelos portos de procedência

FEVEREIRO DE 1951

PAISES DE DESTINO	Portos de Procedência	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
AFRICA:			
EGITO: Alexandria	Rio de Janeiro	250	287 225
SUDOESTE AFRICANO: Walvis Bay	Rio de Janeiro	117	134 953
UNIÃO SUL AFRICANA:	**Total**	**4 162**	**4 881 721**
Cape Town	Santos	250	308 527
	Rio de Janeiro	1 020	1 167 761
Durban	Santos	450	580 158
	Rio de Janeiro	1 983	2 288 430
Mossel Bay	Rio de Janeiro	259	306 744
Port Elizabeth	Rio de Janeiro	200	230 101
AMÉRICA DO NORTE:			
CANADÁ:	**Total**	**17 535**	**21 642 331**
Halifax	Santos	1 750	2 121 002
Montreal	Santos	7 800	9 824 210
	Rio de Janeiro	400	500 986
	Paranaguá	250	310 852
Toronto	Santos	2 475	3 066 450
	Paranaguá	250	306 303
Vancouver	Santos	2 360	2 970 594
	Rio de Janeiro	1 750	1 903 225
Winnipeg	Santos	500	638 709
ESTADOS UNIDOS:	**Total**	**1 228 433**	**1 494 145 983**
Baltimore	Santos	17 500	22 240 264
	Rio de Janeiro	11 150	13 877 245
	Paranaguá	36 172	44 996 963
Boston	Santos	12 166	15 466 270
	Rio de Janeiro	7 121	8 980 820
	Paranaguá	7 500	9 277 554
Corpus Christi	Rio de Janeiro	1 000	1 249 472
	Paranaguá	1 000	1 222 785

PAISES DE DESTINO	Portos de Procedência	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
Filadélfia	Santos	10 800	13 602 224
	Paranaguá	250	316 917
Houston	Santos	31 824	39 283 049
	Rio de Janeiro	30 754	37 628 107
	Vitória	500	499 789
	Paranaguá	12 008	14 519 474
	Recife	300	323 892
Jacksonville	Santos	14 950	18 697 756
	Paranaguá	9 000	11 176 980
Los Angeles	Santos	8 850	11 095 525
	Rio de Janeiro	5 860	6 875 933
	Angra dos Reis	500	634 335
	Paranaguá	2 050	2 542 131
New Orleans	Santos	106 033	130 547 556
	Rio de Janeiro	94 817	109 468 068
	Vitória	19 720	20 073 150
	Angra dos Reis	18 365	22 305 407
	Paranaguá	81 945	99 144 993
	Recife	600	738 170
New York	Santos	164 895	328 729 641
	Rio de Janeiro	70 618	79 800 439
	Paranaguá	156 288	191 295 416
	Recife	750	879 469
Norfolk	Santos	8 300	10 442 909
	Rio de Janeiro	500	610 499
	Paranaguá	2 250	2 761 876
Okland	Santos	3 500	4 411 636
Portland	Santos	2 564	3 291 899
	Rio de Janeiro	500	613 816
	Paranaguá	1 125	1 383 101
São Francisco	Santos	85 442	105 873 951
	Rio de Janeiro	16 762	19 935 121
	Angra dos Reis	2 250	2 807 133
	Paranaguá	3 500	4 352 173
Seattle	Santos	64 500	77 868 512
	Rio de Janeiro	1 030	1 169 356
	Paranaguá	424	513 059
Tacoma	Paranaguá	500	620 148
AMÉRICA DO SUL:			
ARGENTINA:	**Total**	**7 298**	**8 995 332**
Buenos Aires	Santos	2 548	3 424 520
	Rio de Janeiro	4 150	4 926 152

PAISES DE DESTINO	Portos de Procedência	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
Rosário	Santos	56	72 060
	Rio de Janeiro	544	572 600
CHILE:	**Total**	**6 560**	**7 019 255**
Antofagasta	Vitória	172	172 919
Arica	Vitória	5	5 183
Coquimbo	Vitória	22	22 806
Corral	Vitória	20	20 733
Iquique	Vitória	44	45 612
Puerto Montt	Vitória	110	118 808
Punta Arenas	Rio de Janeiro	42	46 974
	Vitória	200	219 457
Talcahuano	Vitória	875	941 460
Valparaiso	Rio de Janeiro	100	122 595
	Vitória	4 970	5 302 708
PARAGUAI: Assunção	Rio de Janeiro	150	187 476
URUGUAI: Montevidéu	Rio de Janeiro	200	241 881
ÁSIA:			
FILIPINAS:	**Total**	**15 750**	**16 649 127**
Manilla	Santos	2 000	2 438 291
	Vitória	13 750	14 210 836
SÍRIA: Beirute	Rio de Janeiro	6 664	6 557 856
TURQUIA ASIÁTICA: Smyrna	Rio de Janeiro	4 433	4 401 566
EUROPA:			
ALEMANHA: Bremen	Santos	42	55 905
ÁUSTRIA:	**Total**	**5 300**	**7 156 282**
via Amsterdam	Santos	300	372 195
via Gênova	Santos	5 000	6 784 087
BELGO-LUXEMBURGUÊSA U. E.	**Total**	**54 922**	**66 592 897**
Antuérpia	Santos	20 935	27 699 554
	Rio de Janeiro	28 342	32 353 682
	Vitória	3 493	3 803 536
	Paranaguá	2 152	2 736 125
DINAMARCA:	**Total**	**25 535**	**29 710 443**
Copenhague	Santos	16 620	19 576 822
	Rio de Janeiro	6 915	10 133 621
FINLÂNDIA:	**Total**	**16 666**	**16 967 618**
Helsinki	Santos	1 666	2 250 315
	Rio de Janeiro	15 000	14 717 303
FRANÇA:	**Total**	**24 445**	**27 533 902**

PAISES DE DESTINO	Portos de Procedência	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
Bordeaux	Recife	2 375	2 620 013
Dunquerque	Rio de Janeiro	1 625	1 842 750
Havre	Santos	250	330 750
	Rio de Janeiro	10 000	11 309 020
	Bahia	2 750	3 971 250
	Recife	6 775	7 620 165
Marselha	Recife	670	739 954
GRÃ-BRETANHA:	**Total**	**19 102**	**22 125 264**
Liverpool	Paranaguá	10 000	1 664 308
Londres	Paranaguá	9 102	10 460 956
HOLANDA:	**Total**	**31 096**	**39 810 495**
Amsterdam	Santos	14 500	19 201 483
	Rio de Janeiro	5 000	5 894 276
	Paranaguá	3 500	4 231 512
Rotterdam	Santos	7 250	9 578 711
	Rio de Janeiro	846	904 513
ISLÂNDIA: Reykjavik	Rio de Janeiro	1 693	1 676 998
ITÁLIA:	**Total**	**34 387**	**41 432 684**
Ancona	Rio de Janeiro	250	264 672
Bari	Santos	650	928 310
	Rio de Janeiro	833	946 736
Cagliari	Vitória	125	123 514
Catânia	Santos	125	177 826
Gênova	Santos	8 913	11 933 481
	Rio de Janeiro	5 244	6 128 033
	Vitória	750	743 287
	Bahia	440	509 509
	Recife	1 023	1 159 475
Livorno	Santos	1 566	2 100 009
	Rio de Janeiro	750	797 462
	Vitória	375	389 013
Messina	Vitória	250	261 915
Monfalcone	Santos	125	162 663
	Rio de Janeiro	3 090	3 291 527
Nápoles	Santos	3 064	3 833 048
	Rio de Janeiro	2 431	2 796 964
	Recife	570	641 666
Pôrto Torres	Santos	200	267 043
Riposto	Rio de Janeiro	125	148 878
Veneza	Santos	485	658 713
	Rio de Janeiro	1 378	1 494 145
	Vitória	750	694 764
	Recife	875	980 031
NORUEGA:	**Total**	**13 600**	**16 121 700**
Bergen	Santos	500	600.000
	Paranaguá	4 250	4 960 500
Oslo	Santos	6 500	7 818 000
	Paranaguá	500	588 000

PAISES DE DESTINO	Portos de Procedência	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
Trondhjen	Paranaguá ...	1 850	2 155 200
SUÉCIA:	**Total**	**46 130**	**58 689 924**
Estocolmo	Santos	13 485	17 545 410
	Rio de Janeiro	6 610	7 728 212
	Paranaguá ...	3 556	4 569 373
	Bahia	2 200	2 695 500
Gotemburgo	Santos	9 735	12 639 659
	Rio de Janeiro	2 854	3 644 238
	Paranaguá ...	625	800 566
	Bahia	750	921 000
Helsingborg	Santos	3 250	4 208 250
	Rio de Janeiro	675	854 160
	Paranaguá ...	50	63 900
Malmo	Santos	1 540	1 995 756
	Rio de Janeiro	500	656 700
	Bahia	300	367 200
SUÍÇA:	**Total**	**5 225**	**5 986 405**
via Amsterdam	Santos	1 100	1 415 224
via Antuérpia	Rio de Janeiro	3 000	3 126 438
	Paranaguá ...	175	221 938
via Gênova	Santos	50	70 855
via Rotterdam	Rio de Janeiro	900	1 151 950
TRIESTE:	**Total**	**19 525**	**23 472 450**
Trieste	Santos	9 888	13 671.591
	Rio de Janeiro	9 637	9 800 859
TURQUIA EUROPÉIA: ...			
Stambul	Rio de Janeiro	9 165	9 532 609
TOTAL GERAL:		**1 598 385**	**1 932 010 282**

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

II Detalhes pelos Portos de Procedência

ANO DE 1950

PAÍSES DE DESTINO	Portos de Procedência	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
AFRICA:			
Argélia	Rio de Janeiro	31 077	24 873 121
Canárias	Rio de Janeiro	6 251	4 757 685
	Vitória	1 666	1 202 175
	Total	**7 917**	**5 959 860**
Egito	Rio de Janeiro	45 164	38 849 902
	Vitória	1 000	913 309
	Total	**46 164**	**39 763 211**
Marrocos Espanhol	Vitória	8 933	8 420 603
Marrocos Francês	Rio de Janeiro	42 048	37 518 651
	Vitória	2 167	1 704 020
	Total	**44 215**	**39 222 671**
Moçambique	Rio de Janeiro	143	132 424
Sudão Anglo-Egípcio	Rio de Janeiro	17 292	12 888 274
Sudoeste Africano	Rio de Janeiro	827	712 368
Tanger	Rio de Janeiro	4 983	4 160 231
	Vitória	7 934	6 072 854
	Total	**12 917**	**10 233 085**
União Sul Africana	Santos	14 978	17 501 195
	Rio de Janeiro	79 948	73 234 577
	Vitória	750	567 981
	Total	**95 676**	**91 303 753**
AMÉRICA CENTRAL			
Curaçao	Rio de Janeiro	670	591 895
AMÉRICA DO NORTE			
Canadá	Santos	180 498	208 692 665
	Rio de Janeiro	7 917	8 686 910
	Paranaguá	35 656	41 228 191
	Total	**224 071**	**258 607 766**
Estados Unidos	Santos	6 445 162	7 349 603 084
	Rio de Janeiro	1 206 400	1 168 130 486
	Vitória	193 786	150 095 131
	Angra dos Reis	161 163	169 908 561
	Paranaguá	1 697 357	1 932 260 732
	Recife	42 523	39 255 231
	Total	**9 746 391**	**10 809 253 225**

DESTINO	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em Cruzeiros
BELGO-LUXEMBURGUESA, U.E.:		
Antuérpia	19 404	24 432 973
FINLÂNDIA: Helsink	2 029	2 632 426
FRANÇA:	**26 141**	**28 859 863**
Bordeaux	1 500	1 602 248
Dunquerque	125	165 375
Havre	24 616	27 092 240
GRÃ-BRETANHA:	**55 887**	**68 497 280**
Liverpool	5 000	5 974 895
Londres	50 887	62 522 385
HOLANDA:	**4 575**	**5 790 720**
Amsterdam	4 450	5 633 520
Rotterdam	125	157 200
ISLÂNDIA: Reykjavik	1 483	1 421 151
ITÁLIA:	**38 489**	**45 040 659**
Bari	385	498 962
Cagliari	250	231 588
Catânia	125	126 822
Gênova	20 678	24 927 019
Livorno	688	848 520
Monfalcone	6 475	7 235 392
Nápoles	5 748	6 237 858
Palermo	500	569 045
Pôrto Torres	475	522 635
Veneza	3 165	3 847 818
NORUEBA:	**19 000**	**22 452 000**
Bergen	1 000	1 188 000
Oslo	17 500	20 685 000
Trondhjem	500	579 000
SUÉCIA:	**63 299**	**81 028 799**
Estocolmo	47 890	61 346 520
Gotemburgo	8 245	10 507 830
Helsingborg	5 939	7 633 199
Malmo	1 225	1 541 250
SUIÇA:	**1 115**	**1 429 950**
via Amsterdam	420	534 913
via Antuérpia	695	895 037
TRIESTE:	17 375	18 072 278
TURQUIA EUROPÉIA: Stambul	3 382	3 771 745
TOTAL GERAL	**1 241 156**	**1 482 422 953**

CAFÉ DISPONÍVEL NOS PORTOS DE EXPORTAÇÃO DO BRASIL

1 9 5 1	Santos	Rio Janeiro	Vitória	Bahia	Paranaguá	A. dos Reis	Recife	Total
Janeiro	1 795 666	764 571	53 375	13 335	535 061	15 430	29 012	3 206 450
Fevereiro	1 871 225	745 428	57 426	12 866	538 034	18 869	25 982	3 269 830
Março	1 561 957	604 877	39 728	12 826	519 140	24 075	30 296	2 792 899
1 9 5 0 — Março	1 826 289	625 632	68 832	28 820	165 181	36 704	29 598	2 781 056
1 9 4 9	2 209 722	663 164	36 266	68 447	235 059	11 793	33 750	3 258 201
1 9 4 8	2 161 642	766 076	72 667	63 429	252 175	16 285	46 652	3 378 926
1 9 4 7	2 957 007	758 647	230 595	93 767	126 012	24 542	90 174	4 280 744

SUPLEMENTO ESTATÍSTICO

ANO XVII | São Paulo, 8 de Maio de 1951 | N.º 304

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A SANTOS SAFRA 1950/51 DADOS COLIGIDOS PELA SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

Estradas de Ferro	jun./março	1.ª dezena abril	2.ª dezena abril	Totais
Santos a Jundiaí	344 656	431	260	345 347
Sorocabana	1 744 129	2 787	4 289	1 751 205
Paulista	2 456 283	1 426	1 395	2 459 104
Mogiana	710 629	590	688	711 907
Araraquara	910 205	2 642	2 290	915 137
Noroeste do Brasil	941 606	2 666	3 030	947 302
Central do Brasil	4	—	—	4
E. de Rodagem	—	—	—	—
Total	**7 107 512**	**10 542**	**11 952**	**7 130 006**

NOTA: — Os despachos nas EE. FF. acima incluem os das suas respectivas tributárias.

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A OUTROS PORTOS

Despachado	Rio de Janeiro		Angra dos Reis	Totais
	Ferroviário	Rodoviário		
junho/março 51	852 212	81 728	5 213	939 153
1.º dez. abril 51	16 408	4 230	—	20 638
2.º dez. abril 51	10 437	10 151	—	20 588
Total	**879 057**	**96 109**	**5 213**	**980 379**

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A OUTROS PORTOS

Estados Produtores	jun./março	1.ª dezena abril	2.ª dezena abril	Totais
Paraná	657 161	—	(*)—	657 161
Minas Gerais	348 401	—	(*)—	348 401
Mato Grosso	6 895	—	500	7 395
Goiás	44 104	—	—	44 104
Sta. Catarina (V.M.)	1 540	—	—	1 540
Total	**1 058 101**	**—**	**500**	**1 058 601**

(*) Incompletos.
Os dados desta publicação retificam os anteriores.

MOVIMENTO DO CAFÉ DESTINADO A SANTOS SAFRA 1950/51 — (ATÉ 30 DE ABRIL DE 1951)

Paulista	Despachado	Liberado	Interditado e d. alterado	A liberar
Anteriores	*2 139 214	2 133 912	5 302	—
2.ª dez. agôsto 50	505 596	502 551	3 045	—
3.ª " " "	894 719	888 868	5 851	—
1.ª dez. setembro "	498 995	489 188	9 192	615
2.ª " " "	629 299	100 973	15 997	512 329
3.ª " " "	564 959	—	15 007	549 952
1.ª " outubro "	259 850	—	18 454	241 396
2.ª " " "	292 811	—	20 631	272 180
3.ª " " "	277 800	—	15 193	262 607
1.ª " novembro "	167 297	—	15 513	151 784
2.ª " " "	133 764	—	13 306	120 458
3.ª " " "	164 820	—	15 096	149 724
1.ª " dezembro "	113 896	—	14 836	99 060
2.ª " " "	110 322	—	11 541	98 781
3.ª " " "	93 180	—	2 597	90 583
1.ª " janeiro 51	32 976	—	1 946	31 030
2.ª " " "	40 362	—	754	39 608
3.ª " " "	39 389	—	2 820	36 569
1.ª " fevereiro "	24 935	—	1 022	23 913
2.ª " " "	17 667	—	517	17 150
3.ª " " "	22 404	—	450	21 954
1.ª " março "	16 776	—	1 000	15 776
2.ª " " "	17 496	—	500	16 996
3.ª " " "	20 946	—	1 058	19 888
1.ª " abril "	10 203	—	—	10 203
2.ª " " "	11 952	—	—	11 952
Total	**7 101 628**	**4 115 492**	**191 628**	**2 794 508**
Despolpado	28 528	28 528	—	—
Rodoviário	—	—	—	—
Total Geral	**7 130 156**	**4 144 020**	**191 628**	**2 794 508**
(Outros Estados) (Até 2.ª dez. abril)				
Paranaense	657 161	60 478	35 733	560 950
Mineiro	§ 348 451	174 323	—	174 128
Goiano	44 104	21 952	—	22 152
Matogrossense	7 395	300	—	7 095
Catarinense (V.M.)	1 540	1 540	—	—
Total	**1 058 651**	**258 593**	**35 733**	**764 325**

Destino alterada p/ "Rio de Janeiro"	85 284	
Destino alterado p/ "Interior e Cap."	104 984	
Anulado	687	
Interditado	687	191 628

(*) — Mais 50 scs. — destino alterado "Marítima" para "SANTOS"
(§) — Mais 150 scs. — destino alterado "Parí" para "SANTOS"

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

MARÇO DE 1951

sacas de 60 quilos

PÔRTO DE EMBARQUE	Exterior	Consumo de bordo	Cabotagem	Total
Março de 1951				
Santos	702 408	272	586	706 266
Rio de Janeiro	409 260	75	1 265	410 600
Vitória	21 178	—	19 648	40 826
Paranaguá	326 557	—	3 403	329 960
Angra dos Reis	14 000	—	—	14 000
Salvador	894	—	8 634	9 528
Recife	11 774	—	—	11 774
Total	**1 489 071**	**347**	**33 536**	**1 522 954**
Janeiro	1 241 156	224	18 451	1 259 831
Fevereiro	1 598 385	164	18 016	1 616 565
Total de Janeiro à Março	**4 328 612**	**735**	**70 003**	**4 399 350**

NOTA: Cifras sujeitas à retificação.

ENTRADAS E EMBARQUES DE CAFÉ, NO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE ABRIL DE 1951

MESES		EMBARQUES	ENTRADAS
1950	Julho	305.768	241.002
	Agôsto	319.416	317.302
	Setembro	548.332	581.595
	1.º trimestre:	**1.173.516**	**1.139.899**
	Outubro	671.252	519.989
	Novembro	357 631	379.854
	Dezembro	391.342	366.586
	2.º trimestre:	**1.420.225**	**1.266.429**
	1.º semestre:	**2.593.741**	**2.406.328**
1951	Janeiro	362.952	230.351
	Fevereiro	389.494	381.287
	Março	299.224	410.525
	3.º trimestre:	**1.051.670**	**1.022.163**
	Abril	291.337	217.650

EMBARQUES DE CAFÉ POR PAÍSES, PELO PÔRTO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE MARÇO DE 1951

CONTINENTES:	PAÍSES	SACAS	TOTAIS
EUROPA:	Alemanha	10.215	
	Bélgica	33.143	
	Dinamarca	9.043	
	Holanda	6.766	
	Finlândia	9.698	
	França	42.916	
	Grã-Bretanha	120	
	Grécia	12.683	
	Islândia	2.057	
	Itália	4.270	
	Suécia	8.500	
	Suiça	1.550	
	Trieste	15.463	
	Turquia	3.924	160.348
AMÉRICA DO NORTE:	Canadá	6.100	
	Estados Unidos	200.205	206.305
AMÉRICA DO SUL:	Argentina	11.508	
	Chile	12.580	
	Paraguai	700	24.788
AFRICA:	Marrocos	4.350	
	Moçambique	45	
	Sudoeste Africano	175	
	União Sul Africana	3.083	7.653
ÁSIA:	Chipre	500	
	Transjordânia	333	
	Turquia	9.333	10.166
	Total p/ o exterior:		**409.260**
CABOTAGEM:	Sul	1.265	1.265
	Total Geral		1) **410.578**

1) — Consumo de bordo - 75 sacas

Total da exportação	410.525	scs.
Consumo de bordo	53	"
TOTAL:	410.578	"

COTAÇÕES DE CAFÉ NO DISPONÍVEL EM SANTOS, RIO DE JANEIRO E VITÓRIA

ABRIL DE 1951

DIA	SANTOS			RIO	VITÓRIA
	4 mole	4 duro	5 sem descrição	7	7
2	197 50	194 50	185 00	184 00	—
3	197 50	194 50	185 50	184 00	172 70
4	197 50	194 50	185 50	185 00	172 90
5	197 50	194 50	185 50	185 00	173 00
6	197 50	194 50	185 50	185 00	172 80
9	197 50	194 50	185 50	185 00	172 60
10	197 50	194 50	185 50	185 00	172 70
11	197 50	194 50	185 50	184 00	172 90
12	197 50	194 50	185 50	184 00	173 00
13	197 50	194 50	185 50	184 00	173 20
16	197 50	194 50	185 50	184 00	173 40
17	197 50	194 50	185 50	186 00	173 40
18	197 50	194 50	185 50	186 00	174 90
19	197 50	194 50	185 50	186 00	174 60
20	197 50	194 50	185 50	186 00	174 80
23	197 50	194 50	185 50	185 00	175 20
24	197 50	194 50	185 50	185 00	175 20
25	197 50	194 50	185 50	185 00	175 20
26	197 50	194 50	185 50	185 00	175 20
27	197 50	194 50	185 50	185 00	175 20
30	197 50	194 50	185 50	185 00	175 50
Média	**197 50**	**194 50**	**185 48**	**184 90**	**173 92**

MOVIMENTO DE

SAFFI

MESES	ENTRADAS				
	Paulista	Mineiro	Goiano	Paranaense	Mato-grossen
Julho	1 111 239	69 665	2 716	92 249	1 9
Agôsto	1 123 928	36 608	845	49 565	1 7
Setembro	863 223	63 342	1 623	65 325	
Outubro	240 475	23 884	875	36 962	3 0
Novembro	319 734	29 018	—	10 379	
Dezembro	803 165	44 436	3 526	1 400	
Janeiro	701 296	42 742	1 720	7 266	
Fevereiro	802 522	36 632	5 552	12 529	
Março	357 595	31 981	4 177	4 086	3
Abril	474 394	27 125	6 977	30 535	
TOTAL	**6 797 571**	**405 433**	**28 011**	**310 296**	**7 0**

CAFÉ EM SANTOS

A 1950/51

			MOVIMENTO				
e	S. Catarina	Total	Embarques	Despachos	Café Revertido ao estoque	Café Retirado do estoque	Existência
0	815	1 278 644	1 163 848	1 167 601	1 020	5 521	1 618 892
3	202	1 212 931	974 891	982 098	214	6 217	1 850 929
—	1 061	994 574	816 001	828 460	138	6 083	2 023 557
5	1 694	306 935	629 192	546 487	117	5 175	1 696 242
—	—	359 131	502 724	486 065	—	2 515	1 550 134
—	—	852 527	734 434	773 756	551	2 777	1 666 001
—	—	753 024	620 923	691 008	—	2 436	1 795 666
—	—	857 235	779 243	781 116	64	2 497	1 871 225
0	—	398 139	705 156	612 823	23	2 274	1 561 957
—	—	539 031	507 132	550 506	—	2 853	1 591 003
8	**3 772**	**7 552 171**	**7 433 544**	**7 429 920**	**2 127**	**38 348**	—

COTAÇÕES DE CAFÉS BRASILEIROS NO DISPONÍVEL DE NOVA YORK

ABRIL DE 1951

DIA	SANTOS			
	Tipo 2	Tipo 4	Tipo 2 extra mole	Tipo 4 extra mole
2	54 50 nom.	54 25 nom.	55 75 nom.	54 50 nom.
3	54 50 "	54 25 "	55 75 "	54 50 "
4	54 50 "	54 25 "	55 75 "	54 50 "
5	54 50 "	54 25 "	55 75 "	54 50 "
6	54 50 "	54 25 "	55 75 "	54 50 "
9	54 50 "	54 25 "	55 75 "	54 50 "
10	54 50 "	54 25 "	55 75 "	54 50 "
11	54 50 "	54 25 "	55 75 "	54 50 "
12	54 50 "	54 25 "	55 75 "	54 50 "
13	54 50 "	54 25 "	55 75 "	54 50 "
16	54 50 "	54 25 "	55 75 "	54 50 "
17	54 50 "	54 25 "	55 75 "	54 50 "
18	54 50 "	54 25 "	55 75 "	54 50 "
19	54 50 "	54 25 "	55 75 "	54 50 "
20	54 50 "	54 25 "	55 75 "	54 50 "
23	54 50 "	54 25 "	55 75 "	54 50 "
24	54 50 "	54 25 "	55 75 "	54 50 "
25	54 50 "	54 25 "	55 75 "	54 50 "
26	54 50 "	54 25 "	55 75 "	54 50 "
27	54 50 "	54 25 "	55 75 "	54 50 "
30	54 50 "	54 25 "	55 75 "	54 50 "
Média	**54 50**	**54 25 "**	**55 75**	**54 50**

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

CAFÉS ESTRANGEIROS

ABRIL DE 1951

PROCEDÊNCIA	DIAS 7	14	21	28	Média
COLÔMBIA:					
Medelin Excelso	(2) 59 00	(2) 59 00	(2) 59 3/4	(2) 59 3/4	59 3/8
Armenia	(2) 59 00	(2) 59 00	(2) 59 1/2	(2) 59 1/2	59 1/4
Manizales	(2) 58 7/8	(2) 58 7/8	(2) 59 1/2	(2) 59 1/2	59 3/16
Cucutá	(6) 58 3/4	(6) 58 3/4	(6) 59 00	(6) 59 00	58 7/8
Bogotá	(6) 58 3/4	(6) 58 3/4	(6) 59 00	(6) 59 00	58 7/8
Tolima	(6) 58 3/4	(6) 58 3/4	(6) 59 00	(6) 59 00	58 7/8
Ocana	(6) 58 3/4	(6) 58 3/4	(6) 59 00	(6) 59 00	58 7/8
COSTA RICA:					
Hard	(6) 58 3/4	(6) 58 3/4	(6) 59 00	(6) 59 00	58 7/8
Fine Atlantic	n/cot	n/cot	n/cot	n/cot	—
EQUADOR:					
Lavado	—	—	(2) 54 1/2	(2) 54 1/2	54 1/2
Extra não lavado	(2) 47 1/2	(2) 47 1/2	(2) 48 00	(2) 48 00	47 3/4
GUATEMALA:					
Antigua	(2) 59 1/2	(2) 59 1/2	(2) 58 3/4	(2) 58 3/4	59 3/8
Extra prime	(2) 58 3/4	(2) 58 3/4	(2) 59 00	(2) 59 00	58 7/8
Lavado bom	(2) 55 1/2	(2) 55 1/2	(2) 55 1/4	(2) 55 1/4	55 3/8
Bourbon	(2) 54 1/2	(2) 54 1/2	(2) 54 1/4	(2) 54 1/4	54 3/8
HAITÍ:					
Lavado bom mole	(6) 54 1/2	(6) 54 1/2	(6) 54 1/2	(6) 54 1/2	54 1/2
Catado à mão	(6) 52 00	(6) 52 00	(6) 52 00	(6) 52 00	52 00
HONDURAS:					
Lavado bom	(2) 56 00	(2) 56 00	(2) 56 00	(2) 56 00	56 00
Tipo 5 - Comum duro	(6) 48 00	(6) 48 00	(6) 48 00	(6) 48 00	48 00

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

CAFÉS ESTRANGEIROS

PROCEDÊNCIA	DIAS				
	7	14	21	28	Média
MÉXICO:					
Coatepec	(2) 56 1/4	(2) 56 1/4	(2) 57 1/4	(2) 57 1/4	56 3/4
Tapachula primeira	(2) 55 1/2	(2) 55 1/2	(2) 55 7/8	(2) 55 7/8	55 11/16
NICARÁGUA:					
Matagalpa	(2) 56 00	(2) 56 00	(2) 56 1/4	(2) 56 1/4	56 1/8
Lavado primeira	(2) 55 1/2	(2) 55 1/2	(2) 56 00	(2) 56 00	55 3/4
EL SALVADOR:					
Lavado primeira	(2) 59 00	(2) 59 00	(2) 59 00	(2) 59 00	59 00
S. DOMINGOS:					
Lavado bom móle	(2) 56 00	(2) 56 00	(2) 56 00	(2) 56 00	56 00
Fino	n/cot	n/cot	n/cot	n/cot	—
VENEZUELA:					
Maracaibo	(2) 58 00	(2) 58 00	(2) 58 1/2	(2) 58 1/2	58 1/4
CONGO BELGA:					
Lavado robusta	(6) 59 1/4	(6) 59 1/4	(6) 59 00	(6) 59 00	59 1/8
Natural robusta	(6) 44 00	(6) 44 00	n/cot	n/cot	44 00
MOÓCA:					
Moóca (Arabia)	(2) 58 00	(2) 58 00	(2) 58 1/2	(2) 58 1/2	58 1/4
N.E.I.:					
Genuino Java lavado	(3) 66 00	(3) 66 00	n/cot	n/cot	66 00
UGANDA:					
Lavado	(2) 46 00	(2) 46 00	(2) 46 1/4	(2) 46 1/4	46 1/8

INDICAÇÕES:

(1) C. & F. - U.S.A. (Nova York)
(2) Desembarcado à vista líquido
(3) Disponível
(4) F.O.B. Nova York
(5) F.O.B. País de Procedência
(6) Nominal

Cotações de Café a Têrmo em Nova York

(Em cents por libra de 453,60 gr.) — Contrato "U"

ABRIL DE 1951

DIAS	Maio		Julho		Setembro		Dezembro		Março	
	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F
2	n/cot.	51 65	n/cot.	51 15	n/cot.	50 40	n/cot.	49 50	n/cot.	49 10
3	"	52 40	"	51 90	"	51 30	"	50 65	"	50 00
4	"	52 20	"	51 70	"	50 95	"	50 30	"	49 80
5	"	52 15	"	51 65	"	50 90	"	50 30	"	49 80
6	"	52 65	"	52 20	"	51 40	"	50 70	"	50 25
9	"	52 90	"	52 40	"	51 75	"	51 30	"	50 90
10	"	52 85	"	52 30	"	51 75	"	51 25	"	50 80
11	"	52 90	"	52 40	"	51 85	"	51 40	"	51 00
12	"	53 00	"	52 60	"	52 10	"	51 55	"	51 10
13	"	52 95	"	52 55	"	52 05	"	51 50	"	51 10
16	"	52 95	"	52 55	"	52 05	"	51 50	"	51 05
17	"	52 90	"	52 50	"	52 00	"	51 50	"	51 05
18	"	52 55	"	52 40	"	51 90	"	51 40	"	51 00
19	"	52 30	"	52 15	"	51 65	"	51 25	"	50 95
20	"	52 10	"	51 95	"	51 50	"	51 00	"	50 70
23	"	51 55	"	51 35	"	50 75	"	50 50	"	50 15
24	"	51 75	"	51 50	"	50 95	"	50 55	"	50 20
25	"	52 00	"	51 85	"	51 30	"	50 85	"	50 50
26	"	53 55	"	52 35	"	51 85	"	51 45	"	51 00
27	"	52 50	"	52 25	"	51 70	"	51 25	"	50 90
30	"	52 75	"	52 45	"	51 80	"	51 35	"	51 00
Média	—	**52 50**	—	**52 10**	—	**51 52**	—	**51 00**	—	**50 59**

Cotações de Café a Têrmo em Nova York

Em cents por libra de 453,60 gr. — Contrato "S"

ABRIL DE 1951

DIAS	Maio		Julho		Setembro		Dezembro		Março	
	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F
2	52 80	52 70	52 30	52 25	51 40	51 43	50 70	50 72	50 20	50 20
3	52 70	53 39	52 50	52 89	51 65	52 10	50 80	51 38	50 46	50 85
4	53 50	53 20	52 80	52 70	52 05	51 90	51 36	51 30	50 85	50 80
5	52 90	53 31	52 45	52 80	51 60	51 95	51 05	51 30	50 80	50 82
6	53 55	53 65	53 06	53 20	52 10	52 46	51 62	51 69	51 05	51 22
9	53 60	53 90	53 08	53 40	52 30	52 75	51 60	52 30	50 75	51 90
10	53 60	53 80	53 00	53 25	52 75	52 72	52 20	52 25	51 90	51 85
11	53 40	53 90	52 90	53 43	52 45	52 95	51 95	52 41	51 55	52 00
12	53 80	53 98	53 43	53 55	52 90	53 04	52 49	52 51	52 10	52 10
13	54 00	53 95	53 25	53 49	52 99	52 99	52 30	52 46	51 95	52 03
16	53 50	53 95	53 65	53 52	52 75	53 05	52 25	52 50	51 95	52 10
17	54 00	53 88	53 50	53 45	53 00	52 95	52 20	52 45	51 90	52 01
18	53 95	53 65	53 40	53 43	52 90	52 95	52 20	52 47	51 90	52 10
19	54 00	53 26	53 25	53 11	52 50	52 66	52 30	52 22	51 80	51 90
20	53 20	53 03	53 00	52 85	52 40	52 35	52 00	51 94	51 70	51 60
23	52 90	52 55	53 00	52 35	52 40	51 75	52 00	51 50	51 60	51 15
24	52 75	52 75	52 80	52 50	52 15	51 97	51 85	51 54	51 69	51 20
25	52 75	53 15	52 55	52 95	52 15	52 32	51 70	51 86	51 20	51 53
26	53 15	53 55	53 25	53 35	52 55	52 85	52 15	52 45	51 70	52 00
27	53 57	53 50	53 35	53 30	52 55	52 70	52 00	52 30	52 00	51 99
30	53 00	53 75	52 85	53 43	52 50	52 77	52 00	52 41	51 76	52 03
Média	**53 36**	**53 47**	**53 02**	**53 10**	**52 38**	**52 50**	**51 85**	**52 00**	**51 47**	**51 54**

CÂMBIO EM SÃO PAULO

Média diária de Câmbio Livre, afixada pela Bolsa Oficial de Valores de S. Paulo

ABRIL DE 1951

DIAS	Inglaterra	Estados Unidos	Canadá	Uruguai	Holanda	Suiça	Suécia	Dinamarca	Espanha	Portugal	Bélgica	França
2	52,4160	18,72	—	—	4,9140	4,3643	3,6209	2,7353	1,7096	—	0,3778	0,0535
3	52,4160	18,72	18,50	9,0654	—	4,3633	—	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
4	52,4160	18,72	—	—	—	4,3627	—	2,7353	1,7096	—	0,3778	0,0535
5	52,4160	18,72	—	—	—	4,3624	—	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
6	52,4160	18,72	—	—	—	4,3643	—	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
7	52,4160	18,72	—	—	4,9121	4,3669	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	0,0535
9	52,4160	18,72	—	—	—	4,3672	—	2,7353	—	—	0,3778	0,0535
10	52,4160	18,72	—	—	4,9140	4,3681	3,6209	2,7353	1,7096	—	0,3778	0,0535
11	52,4160	18,72	—	—	—	4,3633	3,6209	2,7353	—	—	0,3778	0,0535
12	52,4160	18,72	—	—	4,9121	4,3533	3,6209	2,7353	1,7096	—	0,3778	0,0535
13	52,4160	18,72	—	—	—	4,3816	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
14	52,4160	18,72	—	—	—	4,3633	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3709	0,0535
16	52,4160	18,72	—	—	—	—	3,6209	2,7353	—	—	0,3778	0,0535
17	52,4160	18,72	—	—	—	4,3650	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
18	52,4160	18,72	—	—	—	—	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
19	52,4160	18,72	—	—	—	4,3672	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
20	52,4160	18,72	—	—	—	4,3672	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3729	0,0535
23	52,4160	18,72	—	—	—	4,3672	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
24	52,4160	18,72	—	—	—	4,3672	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
25	52,4160	18,72	—	8,6267	4,9140	4,3672	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
26	52,4160	18,72	—	—	—	4,3690	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	—	0,0535
27	52,4160	18,72	—	—	—	4,3710	—	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,0535
28	52,4160	18,72	—	8,6868	—	4,3708	3,6209	2,7353	1,7096	—	0,3778	0,0535
30	52,4160	18,72	—	—	4,9121	4,3672	3,6209	2,7353	1,7096	—	0,3778	0,0535
Média	**52,4160**	**18,72**	**18,50**	**8,7929**	**4,9130**	**4,3663**	**3,6209**	**2,7353**	**1,7096**	**0,6572**	**0,3772**	**0,0535**

CÂMBIO

1951

Resumo das operações de Câmbio, efetuadas pelos Bancos desta praça, durante o mês de Abril

MOEDAS	COMPRAS	VENDAS
Libras	11.147.350	11.931.295
Dólares	25.443.368	46.071.117
Francos Franceses	2.480.322.161	2.646.454.840
Escudos	595.895	1.323.738
Pesetas	612.906	1.653.234
Francos Suiços	480.295	4.192.622
Francos Belgas	123.319.889	184.210.699
Pesos Uruguaios	,38	432
Pesos Argentinos	——	8
Dólares Canadenses	540	20
Corôas Suecas	15.849.452	33.423.154
Corôas Dinamarquesas	2.532.717	6.416.641
Florins	8.119	3.608
CONVENIOS		
U$S Alemanha	2.498.281	4.846.363
U$S Itália	602.525	1.547.768
U$S Japão	1.054.187	1.233.906
U$S Portugal	142.342	169.699
U$S Tchecoslováquia	258.248	520.348
U$S Polônia	1.310	——
U$S Áustria	148.082	117.838
U$S Chile	8.446	433.381
Brasileiro-Norueguês	Cr$ 4.532,90	Cr$ 324.605,30
Brasileiro-Argentino	Cr$ 290.484,90	Cr$ 665.272,30
Brasileiro-Holandes	Cr$ 112,60	Cr$ 101.692,22

Resumo dos negócios realizados no mês de Abril de 1951

MOEDAS	QUANTIDADE	VALOR EM CR$
Corôas Dinamarquesas	3.952.896	10.812.357,00
Corôas Suecas	16.170.063	58.550.183,00
Dólares	65.258.473	1.221.638.628,00
Escudos	580.031	381.197,00
Florins	47.252.391	232.151,00
Francos Belgas	180.521.551	68.092.729,00
Francos Franceses	4.012.772.766	214.683.343,00
Francos Suiços	3.241.220	14.152.138,00
Libras	11.871.201	622.240.090,00
Pesetas	1.296.902	2.217.187,00
TOTAL		**2.213.000.000,00**

Total em Libras e Dólares de acôrdo com a média mensal à vista sôbre a Inglaterra e Estados Unidos, afixada êste mês por esta Bolsa.

£	42.219.932 =	52,4160
U$S	118.215.812 =	18,72—
Total computado em Abril de 1950		1.030.000.000,00
Total computado em Março de 1951		1.294.000.000,00
Total computado em Abril de 1951		2.213.000.000,00

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

II — MERCADO LIVRE — COMPRAS À VISTA

ABRIL DE 1951

DIA	Londres Libra	N. York Dólar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Suécia Corôa
2	51,46 40	18,38 00	4,25 13	0,63 64	1,31 00	8,34 88	3,55 51
3	51,46 40	18,38 00	4,25 13	0,63 64	1,31 10	8,24 22	3,55 51
4	51,46 40	18,38 00	4,24 76	0,63 64	1,31 10	8,50 93	3,55 51
5	51,46 40	18,38 00	4,24 76	0,63 64	1,31 19	8,47 00	3,55 51
6	51,46 40	18,38 00	4,25 13	0,63 64	1,31 00	8,54 88	3,55 51
7	51,46 40	18,38 00	4,25 32	0,63 64	1,31 00	8,62 91	3,55 51
9	51,46 40	18,38 00	4,25 32	0,63 64	1,31 00	8,62 91	3,55 51
10	51,46 40	18,38 00	4,24 94	0,63 64	1,30 91	8,71 09	3,55 51
11	51,46 40	18,38 00	4,24 94	0,63 64	1,31 10	8,65 98	3,55 51
12	51,46 40	18,38 00	4,25 13	0,63 64	1,31 10	8,47 00	3,55 51
13	51,46 40	18,38 00	4,24 94	0,63 64	1,31 19	8,43 12	3,55 51
14	51,46 40	18,38 00	4,25 13	0,63 64	1,31 19	8,43 12	3,55 51
16	51,46 40	18,38 00	4,25 13	0,63 64	1,31 19	8,43 12	3,55 51
17	51,46 40	18,38 00	4,24 94	0,63 64	1,31 19	8,31 67	3,55 51
18	51,46 40	18,38 00	4,25 49	0,63 64	1,31 19	8,27 93	3,55 51
19	51,46 40	18,38 00	4,25 32	0,63 64	1,31 19	8,29 80	3,55 51
20	51,46 40	18,38 00	4,25 32	0,63 64	1,31 19	8,29 80	3,55 51
23	51,46 40	18,38 00	4,25 32	0,63 64	1,31 19	8,29 80	3,55 51
24	51,46 40	18,38 00	4,25 32	0,63 64	1,30 35	8,35 45	3,55 51
25	51,46 40	18,38 00	4,25 49	0,63 64	1,30 45	8,47 00	3,55 51
26	51,46 40	18,38 00	4,25 68	0,63 64	1,30 82	8,58 88	3,55 51
27	51,46 40	18,38 00	4,25 68	0,63 64	1,30 82	8,62 91	3,55 51
28	51.46 40	18,38 00	4,25 49	0,63 64	1,31 19	8,38 88	3,55 51
30	51,46 40	18,38 00	4,25 49	0,63 64	1,31 19	8,58 88	3,55 51
Média	**51,46 40**	**18,38 00**	**4,25 22**	**0,63 64**	**1,31 07**	**8,45 92**	**3,55 51**

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

I — MERCADO LIVRE — VENDAS À VISTA

ABRIL DE 1951

DIA	LONDRES Libra	N. York Dólar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Suécia Corôa
2	52,41 60	18,72 00	4,36 53	0,65 72	1,33 71	8,89 31	3,62 09
3	52,41 60	18,72 00	4,36 53	0,65 72	1,33 81	8,56 75	3,62 09
4	52,41 60	18,72 00	4,36 15	0,65 72	1,33 81	8,85 11	3,62 09
5	52,41 60	18,72 00	4,36 15	0,65 72	1,33 91	8,80 94	3,62 09
6	52,41 60	18,72 00	4,36 53	0,65 72	1,33 71	8,89 31	3,62 09
7	52,41 60	18,72 00	4,36 72	0,65 72	1,33 71	8,97 84	3,62 09
9	52,41 60	18,72 00	4,36 72	0,65 72	1,33 71	8,97 84	3,62 09
10	52,41 60	18,72 00	4,36 33	0,65 72	1,33 62	9,06 54	3,62 09
11	52,41 60	18,72 00	4,36 33	0,65 72	1,33 81	9,02 17	3,62 09
12	52,41 60	18,72 00	4,36 53	0,65 73	1,33 81	8,80 64	3,62 09
13	52,41 60	18,72 00	4,36 33	0,65 72	1,33 91	8,76 81	3,62 09
14	52,41 60	18,72 00	4,36 53	0,65 72	1,33 91	8,76 81	3,62 09
16	52,41 60	18,72 00	4,36 53	0,65 72	1,33 91	8,76 81	3,62 09
17	52,41 60	18,72 00	4,36 33	0,65 72	1,33 91	8,64 67	3,62 09
18	52,41 60	18,72 00	4,36 90	0,65 72	1,33 91	8,80 69	3,62 09
19	52,41 60	18,72 00	4,36 72	0,65 72	1,33 91	8,62 67	3,62 09
20	52,41 60	18,72 00	4,36 72	0,65 72	1,33 91	8,62 67	3,62 09
23	52,41 60	18,72 00	4,36 72	0,65 72	1,33 91	8,62 67	3,62 09
24	52,41 60	18,72 00	4,36 72	0,65 72	1,33 05	8,68 68	3,62 09
25	52,41 60	18,72 00	4,36 90	0,65 72	1,33 14	8,80 94	3,62 09
26	52,41 60	18,72 00	4,37 10	0,65 72	1,33 52	8,93 56	3,62 09
27	52,41 60	18,72 00	4,37 10	0,65 72	1,33 52	8,97 84	3,62 09
28	52,41 60	18,72 00	4,36 90	0,65 72	1,33 91	8,93 56	3,62 09
30	52,41 60	18,72 00	4,36 90	0,65 72	1,33 91	8,93 56	3,62 09
Média	**52,41 60**	**18,72 00**	**4,36 62**	**0,65 72**	**1,33 25**	**8,82 43**	**3,62 09**

Índice

COLABORAÇÕES:

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

ESTATÍSTICAS:

NEIRO

	tirado do mercado	Rever. ao mercado	Cons. Local	Existência
2 ...	—	—	1 050	605 632
3 ...	510	—	1 050	599 216
4 ...	—	—	1 050	584 970
5 ...	—	—	1 050	587 287
6 ...	—	—	1 050	572 144
7 ...	—	—	1 050	571 094
9 ...	—	—	1 050	580 687
10 ...	—	—	1 050	583 941
11 ...	—	—	1 050	589 477
12 ...	—	—	1 050	600 928
13 ...	—	—	1 050	610 320
14 ...	—	—	1 050	609 270
16 ...	—	—	1 050	604 350
17 ...	—	—	1 050	602 540
18 ...	600	—	1 050	607 620
19 ...	—	—	1 050	616 540
20 ...	—	—	1 050	626 263
23 ...	—	250	2 010	619 591
24 ...	500	—	1 050	628 000
25 ...	—	—	1 050	639 052
26 ...	—	—	1 050	652 840
27 ...	—	—	1 050	662 980
28 ...	—	—	1 050	648 113
30 ...	—	—	1 050	650 954
T	**1 610**	**250**	**26 250**	—

RSAS PRAÇAS

erna Livre	Stockolmo Corôa	Lisbôa Escudo	Bélgica Franco	Amsterdan Guilder
3	0,19 35	0,03 49 1/2	0,01 98 5/8	0,26 27
3 1/2	0,19 35	0,03 49 00	0,01 98 5/8	0,26 28
3 1/2	0,19 35	0,03 49 00	0,01 98 1/2	0,26 28
'4	0,19 35	0,03 49 00	0,01 98 1/2	0,26 27
5	0,19 35	0,03 49 00	0,01 98 1/2	0,26 27
3 1/2	0.19 35	0,03 48 1/2	0,01 98 1/2	0,26 26
3	0,19 35	0,03 48 1/2	0,01 98 1/2	0,26 26
4	0,19 35	0,03 48 00	0,01 98 1/2	0,26 27
3 1/2	0,19 35	0,03 48 00	0,01 98 1/2	0,26 26
'4	0,19 35	0,03 48 00	0,01 98 1/2	0,26 27
3 1/2	0,19 35	0,03 48 00	0,01 98 1/2	0,26 27
5 1/2	0,19 35	0,03 48 1/2	0,01 98 1/2	0,26 28
5	0,19 35	0,03 49 00	0,01 98 1/2	0,26 26
4 1/2	0,19 35	0,03 49 00	0,01 98 1/2	0,26 27
5	0,19 35	0,03 49 1/2	0,01 98 1/2	0,26 26
5	0,19 35	0,03 49 1/2	0,01 98 1/2	0,26 27
6	0,19 35	0,03 49 00	0,01 98 1/2	0,26 26
7	0,19 35	0,03 49 00	0,01 98 1/2	0,26 26
7	0,19 35	0,03 49 00	0,01 98 1/2	0,26 26
5	0,19 35	0,03 48 1/2	0,01 98 1/2	0,26 26
4 1/2	0,19 35	0,03 49 00	0,01 98 1/2	0,26 26
4 17/32	**0,19 35**	**0,03 48 25/32**	**0,01 98 33/64**	**0,26 28**

FA

BALANCETE FINANCEIRO EM 28 DE FEVEREIRO DE 19

RECEITA

RECEITA ORÇAMENTÁRIA			
Ordinária			
Tributária	3.779.190,20		
Patrimonial	2.273.009,90	6.052.200,10	
EXTRAORDINÁRIA			
Diversos		66.414,70	6.118.614,80
RECEITA EXTRAORÇAMENTÁRIA			
Depósitos		7.796,10	
Diversos		111.980,00	119.776,10
A DEDUZIR: —			6.238.390,90
Contas do Exercício a Receber.			3,90
			6.238.387,00
SALDO DO EXERCÍCIO ANTERIOR			
Em Caixa		677.290,40	
Em Bancos		11.542.231,50	12.219.521,90
			18.457.908,90

Departamento de Contabil

WALDEMAR CAMARGO ABREU
Chefe do Departamento de Contabilidade — Substituto
G. Livros — C.R.C. - Sp. n. 5.159

RS

ZENDA

erna

Liv 51 DO INSTITUTO DE CAFÉ DO ESTADO DE SÃO PAULO

	DESPESA		
3	DESPESA ORÇAMENTÁRIA		
3 1/2	Serviço da Dívida Externa	5.727.084,20	
3 1/2	Encargos Diversos	115.978,80	
/4	Administração	332.928,20	6.175.991,20
5			
3 1/2	DESPESA EXTRAORÇAMENTÁRIA		
3	Restos a Pagar — 1950	1.359.621,00	
1	Depósitos	7.500,00	
3 1/2	Diversos	622.951,50	1.989.712,50
/4			8.165.703,70
3 1/2			
5 1/2	SALDO PARA O MÊS SEGUINTE		
5	Em Caixa	426.600,60	
1 1/2	Em Bancos	9.865.604,60	10.292.205,20
5			18.457.908,90
5			
5			
7			
7			
5			
1 1/2			
17/32			

idade, 28 de fevereiro de 1951

Visto
PEDRO DE SIQUEIRA CAMPOS
Gerente

Comunicamos aos interessados que esta Superintendência está distribuindo as publicações abaixo mencionadas, as quais podem ser enviadas aos que as solicitarem.

SEPARATAS

Técnica das Adubações — A. Menezes Sobrinho
O mais edificante exemplo de restauração de cafèzal velho e decadente que já vi — Rogério de Camargo
O "Cheiro do Mato" (Sombreamento do Cafeeiro) — Adalberto de Queiroz Teles Junior
Adubação verde para cafèzais — J. Teixeira Mendes
Da secagem mecânica do café — Rogério de Camargo
Culturas Acessórias na Fazenda de Café:
I — Feijão soja, fácil fontes de proteina — N. A. Neme
II — O Milho — G. P. Viégas
III — Arroz Alimento Básico Tropical — H. S. Miranda
IV — Feijão — N. A. Neme
Cultura subsidiárias na fazenda de café:
I — A Cultura da mamoneira — Pedro Teixeira Mendes
II — A Mandioca — Edgard S. Normanha
A Broca do Café "Hypothenemus hampei" (Ferrari, 1867) — J. Bergamin
Expurgo de sementes de café infestadas pela broca do café "Hypothenemus hampei" (Ferrari, 1867) com Bisulfureto de Carbono — J. Bergamin
Despolpamento — J. Aloisi Sobrinho
Melhoramento do Cafeeiro — C. A. Krug
A Saúde do Trabalhador Rural — Adalberto de Queiroz Teles Junior
Distribuição Geográfica e classificação Botânica do Gênero Coffea com referência especial à espécie Arábica — Alcides Carvalho
Conservação do Solo em Cafèzal — J. Quintiliano A. Marques
Reerguimento da Lavoura Cafeeira de São Paulo — Pelo sombreamento — Rogério de Camargo
Restauração de Culturas Permanentes — William W. Coelho de Souza
Conservação do solo e revestimento vegetal — Dr. Francisco Moacir Aires de Alencar
Sôbre um método microscópico para contagem de cascas no café em pó — J. B. Ferraz de Menezes Junior e Bento Augusto de Almeida Bicudo
Fiscalização do Café — Bento Augusto de Almeida Bicudo e Eduardo Ramos de Oliveira

. AURORA Ltda. — São Paulo